



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MARIA HELOÍSA DA SILVA SOUZA

***A SOLIDÃO EM SE POR ACASO OUVIRES ESTA MENSAGEM E SETA
DESPEDIDA, DE TEOLINDA GERSÃO E MARIA JUDITE DE CARVALHO***

**CAMPINA GRANDE - PB
2019**

MARIA HELOÍSA DA SILVA SOUZA

***A SOLIDÃO EM SE POR ACASO OUVIRES ESTA MENSAGEM E SETA
DESPEDIDA, DE TEOLINDA GERSÃO E MARIA JUDITE DE CARVALHO***

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de Letras
– Língua Portuguesa da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciada em Letras.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Francisca Zuleide Duarte de Souza

**CAMPINA GRANDE - PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S719s Souza, Maria Heloisa da Silva.
A solidão em "Se por acaso ouvires esta mensagem" e "Seta despedida", de Teolinda Gersão e Maria Judite de Carvalho [manuscrito] / Maria Heloisa da Silva Souza. - 2019.
36 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020.
"Orientação : Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."
1. Análise literária. 2. Solidão. 3. Mulher. 4. Relacionamento afetivo. 5. Relacionamento familiar. I. Título
21. ed. CDD 801.95

MARIA HELOÍSA DA SILVA SOUZA

A SOLIDÃO EM “SE POR ACASO OUVIRES ESTA MENSAGEM” E “SETA
DESPEDIDA”, DE TEOLINDA GERSÃO E MARIA JUDITE DE CARVALHO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de Letras
– Língua Portuguesa da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciada em Letras.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 21/11/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Francisca Zuleide Duarte de Souza (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dr.^a Rosângela Maria Soares de Queiroz
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Me. Maria Rennally Soares da Silva
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

*Dedico às minhas avós Maria Geny e Maria
das Neves, à minha família e a todos que amo.*

Obrigada!

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	06
2	AS AUTORAS	07
2.1	Teolinda Gersão	07
2.2	Maria Judite de Carvalho	07
3	COMPREENDENDO A SOLIDÃO	08
4	A SOLIDÃO EM “SE POR ACASO OUVIRES ESTA MENSAGEM”	10
5	A SOLIDÃO EM “SETA DESPEDIDA”	14
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS	24
	ANEXO A – SE POR ACASO OUVIRES ESTA MENSAGEM (TEOLINDA GERSÃO)	
	ANEXO B - SETA DESPEDIDA (MARIA JUDITE DE CARVALHO)	

A SOLIDÃO EM *SE POR ACASO OUVIRES ESTA MENSAGEM E SETA DESPEDIDA*, DE TEOLINDA GERSÃO E MARIA JUDITE DE CARVALHO

Maria Heloísa da Silva Souza¹
Francisca Zuleide Duarte de Souza

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a solidão presente nas personagens principais dos contos *Se por acaso ouvires esta mensagem* (2007) e *Seta Despedida* (1995), das autoras portuguesas Teolinda Gersão e Maria Judite de Carvalho, respectivamente. A princípio, foi exposto o conceito de solidão para compreender como e em que momentos da vida ela se manifesta. Após esses esclarecimentos, os contos foram analisados pondo em relevância os episódios marcantes da vida de cada uma, considerando o contexto situacional em que estão inseridas. Para isso, foram utilizados os fundamentos de Moreira e Callou (2006), apresentando o estudo sobre a solidão a partir de uma dicotomia que descreve esse sentimento vivenciado no meio individual e coletivo. A análise foi concluída mostrando uma interação evidente entre as duas narrativas, destacando as semelhanças e diferenças que cada uma apresenta, a percepção dos contos como prenúncio para refletir sobre a imperfeição das relações humanas, seja no âmbito amoroso ou familiar. Nesse sentido, o assunto tratado nas narrativas estudadas dialoga com a realidade, estabelecendo um elo entre o leitor e as personagens, configurando, assim, um modo eficiente de denunciar, através da ficção, as impudências do homem.

Palavras-chave: Análise Literária. Solidão. Mulher. Relacionamento Afetivo. Relacionamento Familiar.

ABSTRACT

This article aims to analyze the loneliness present in the main characters of the tales *Se por acaso ouvires esta mensagem* (2007) and *Seta Despedida* (1995), by the Portuguese authors Teolinda Gersão and Maria Judite de Carvalho, respectively. Initially, it was exposed the concept of loneliness to understand how and in which moments of life it manifests itself. After these clarifications, the tales were analyzed pointing out the relevance of each one's life's remarkable episodes, taking into account the situational context in which they are inserted. In order to do so, it were used the theory of Moreira and Callou (2006), presenting the study about solitude from a dichotomy that describes this feeling experienced individually and collectively. The analysis was concluded showing an evident interaction between both narratives, highlighting the similarities and differences each one presents, the tales' perception as a foreshadowing to reflect about the imperfection of human relations, whether in love or family. In this sense, the theme treated on the studied narratives dialogues with reality, establishing a link between the reader and characters, thus setting up an efficient way to denounce man's imprudence through fiction.

Keywords: Literary Analysis. Loneliness. Woman. Affective Relationship. Family Relationship.

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
E-mail: mariaheloisas285@gmail.com

1.0 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo tem como objetivo analisar a solidão tal como representada em duas personagens literárias dos contos *Se por acaso ouvires esta mensagem*, presente na obra *A mulher que prendeu a chuva* (2007), de Teolinda Gersão e, *Seta Despedida*, de Maria Judite de Carvalho, contido na coletânea de contos que recebe o mesmo nome, publicada em 1995. No decorrer da pesquisa, fez-se uma aproximação entre os dois contos das autoras da Literatura Portuguesa, enfatizando o tema da solidão presente nas personagens protagonistas. A solidão foi analisada como consequência do abandono e de uma invisibilidade, algo que passou a ser parte integrante da alma das personagens, levando em consideração os contextos situacionais que cada uma apresenta.

Esse abandono é classificado como prelúdio para a solidão, pois no conto *Se por acaso ouvires esta mensagem*, a personagem suporta a solidão resultante do abandono causado por Deus e pelo seu ex-companheiro. Nessa narrativa, a autora versa sobre os problemas correntes nos relacionamentos afetivos. A escrita de Teolinda Gersão é concretizada por acontecimentos triviais que são singulares à nossa natureza humana. Para reforçar esse esclarecimento, Silva e Feitosa (2018, p. 444) pontuam:

Apesar de suas personagens serem predominantemente do universo feminino, homens e mulheres são representados em situações cotidianas ressignificadas, em um jogo discursivo e simbólico a envolver aspectos da interioridade e da exterioridade humanas, articulando, muitas vezes, o plano da ficção ao da realidade extratextual.

Em *Seta Despedida*, a personagem feminina de Maria Judite de Carvalho é vítima de uma solidão que acontece diante da presença dos seus familiares. Trata-se de uma invisibilidade experimentada pela personagem principal, uma solidão que tem início no passado até o momento mais maduro. Como se fosse um destino, a personagem se mostra inconformada com a realidade, no entanto, aceita o passado e o momento presente, como se as circunstâncias fossem determinadas exclusivamente para o seu desagrado.

Submetida à solidão, há momentos em que a personagem principal move o pensamento para a infância, rememorando episódios passados, e para a vida atual, suportando a crueza de sobreviver como um manequim. Leva uma vida comum com a sua família, contudo vive como um ser invisível, sem vez, sem voz, sem razão para viver. Passa por confrontos psíquicos com o outro, com o tempo, com a vida. Uma mulher infeliz, esquecida, que não vê beleza nem prazer em viver, um ser amargurado que sofre diante das pessoas com quem convive. Sobre isso, Freitas (2013, p. 56) afirma:

O embate da personagem feminina com o outro ou com o tempo acontece no espaço da limitação em que se desenvolvem as relações interpessoais, que são sempre distantes e sem lugar para grandes emoções ou amores desmedidos. Essas mulheres possuem uma imensa falta de jeito para transitar dentro de uma relação, seja ela amorosa ou social, um mal-estar constante como se também não coubessem, ou coubessem mal, no mundo ao qual são condicionadas.

As condições exteriores influem significativamente no universo íntimo. Mesmo que ela queira romper com o passado e o presente, e assumir uma nova vida, ser uma nova mulher, nada muda, tudo permanece como antes, pois as feridas da sua alma não cicatrizam. Sujeita a uma união que lhe confere uma considerável posição social, é inundada pelas mágoas e incertezas de uma solidão designada *vida*. A personagem de Maria Judite de Carvalho é uma mulher despercebida, construída no entorno de sentimentos vazios, desprovida de alegria ou qualquer outra coisa que lhe conceda uma sensação diferente do

habitual. À espera de que os dias passem, ela é um ser estático, que dedica a vida a um homem que não a enxerga, não a compreende, que, talvez, não saiba o que é sentimento por se preocupar apenas com questões externas.

2.0 AS AUTORAS

2.1 Teolinda Gersão

Teolinda Gersão² é autora portuguesa, nasceu em Coimbra, no ano de 1940 e estudou Germanística, Romanística e Anglística nas Universidades de Coimbra, Tübingen e Berlim. De acordo com Souto (2014), a autora trabalhou como professora assistente na Faculdade de Letras de Lisboa, ensinando Teoria da Literatura, Literatura Alemã e Literatura Inglesa; também lecionou na Universidade Nova de Lisboa, ministrando aulas de Literatura Alemã e Literatura Comparada.

Conforme afirma Souto (2014), a autora conquistou diversos prêmios como o Pen Club pelas obras *O Silêncio* e *O Cavalo de Sol*; o livro *A Casa da Cabeça de Cavalo* lhe rendeu o Grande Prêmio de Romance e Novela da Associação de Escritores no ano de 1995; em 1999, alcançou o Prêmio da Crítica com *Os Teclados*; recebeu, em 2002, o Grande Prêmio de Conto Camilo Castelo Branco com a coletânea de contos *Histórias de Ver e Andar* e, em 2008, foi contemplada com o Prêmio Máximo da Literatura da Fundação Inês de Castro com a obra intitulada: *A mulher que prendeu a chuva*. Essas premiações conferem a Teolinda Gersão um grande reconhecimento e importância para a Literatura Portuguesa.

Em sua escrita, Teolinda Gersão enfatiza o mais profundo das relações humanas. Conforme Gomes (1993), na escrita da autora, o real e o imaginário estão entrelaçados, ou seja, as personagens reproduzem o ser humano na sua condição mais íntima, evidenciando seus sentimentos, falhas, encontros e desencontros, encantos e desencantos.

Essa característica da autora propõe que o leitor aproxime a ficção das relações interpessoais que viveram/vivem as mulheres ainda hoje, fazendo uma ponte com o retrato da realidade, impulsionando uma reflexão, a partir da quimera, sobre o naufrágio dos vínculos amorosos. A partir da dor, a autora percorre as adversidades que fazem parte da vida das pessoas.

2.2 Maria Judite de Carvalho

Maria Judite de Carvalho³ (1921-1998), nasceu em Lisboa e, segundo Freitas (2011), foi uma escritora que ficou famosa em Portugal, mas no Brasil, houve pouco reconhecimento sobre suas obras. São poucas as informações sobre a sua carreira profissional como escritora, que se iniciou na Faculdade de Letras de Lisboa, formando-se em Filologia Germânica.

A autora tem grande importância na escrita feminina; sua grande característica é a produção de uma literatura que se fundamenta em situações cotidianas (FREITAS, 2011), “a temática da consciência da efemeridade da vida, o mistério da passagem do tempo, a vida como antecipação da morte [...] e a solidão” (OLIVEIRA, 2016, *grifo nosso*, p. 196). Seu primeiro livro, *Tanta Gente, Mariana* foi publicado em 1959 e carrega características subjetivas como a solidão, devido ao fato de sua vida ter sido marcada por esse sentimento.

² Mais informações sobre Teolinda Gersão podem ser encontradas no site oficial da autora. Disponível em: <https://teolindagersao.com>

³ Mais informações sobre Maria Judite de Carvalho podem ser encontradas no endereço eletrônico referente à autora. Disponível em: <https://www.wook.pt/autor/maria-judite-de-carvalho/12284>

A sua obra erige como lugares centrais a solidão, a incomunicabilidade, os desencontros, a frustração humana, a efemeridade da vida, as múltiplas violências que se abatem sobre nós no cotidiano, a inexorabilidade do tempo que passa e que nos vai deixando cada vez mais esvaziados, secos, despidos, sós. (ESTEVES, 1999, p. 2).

Assim como Teolinda Gersão, a autora de *Seta Despedida* também trata sobre temáticas que abordam as angústias do ser humano. A solidão é a particularidade central das suas obras, baseada nos desencantos pelos quais passou durante a sua trajetória de vida

Publicou obras como *As Palavras Pougadas* (1961), *Paisagens sem barcos* (1964), *Além do quadro* (1983), *Seta Despedida* (1995), entre outras. A última obra citada foi, conforme pontua Freitas (2011, p. 27), “um livro de contos que lhe rendeu várias homenagens entre outras”.

3.0 COMPREENDENDO A SOLIDÃO

Solidão, uma palavra que traz diversas significações. Oriunda do latim “*solus*”, solidão é o “Estado do que se acha só; Lugar afastado, ermo, solitário” (RIOS, 2004, p. 667). Apresentando-se em diversas versões, esse sentimento pode ser fruto de uma falta, uma rejeição, separação, traição, uma insatisfação familiar/afetiva ou do abandono, e pode gerar efeitos negativos como, por exemplo, o isolamento, sensação de incapacidade, tristeza, angústia, timidez e doenças como a depressão. Esses são alguns exemplos do que pode ser considerado causa ou consequência da solidão.

A solidão pode percorrer cada fase da vida e, centrando-se na mulher, iremos expor aqui, esse sentimento experimentado pela mulher de diversas maneiras, em cada faceta ocupada durante a vida.

O sentimento de estar ou se sentir só, pode se apresentar fundamentado em uma cronologia que se organiza em cada estágio da vida, desde a infância até a velhice. “Começamos a vida com uma perda. Somos lançados para fora do útero sem um apartamento, cartão de crédito, um emprego ou um carro” (VIORST, 2005, p. 19). Naturalmente, somos sozinhos, a solidão marca presença no momento inicial da nossa vida: a infância. Nesse período, a solidão pode começar no seio familiar, tendo como uma das causas a falta de atenção, cuidado, separação dos pais, por exemplo. Um ambiente desarmonioso repercute significativamente na vida da criança e na formação da sua identidade, causando, assim, duras consequências nas próximas etapas da vida. “A criança, através do mecanismo de identificação, introjeta os papéis e as atitudes dos demais membros da família e, dessa forma, desenvolve o processo de construção da sua identidade” (LIMA, 1999, p. 49). Portanto, o indivíduo reflete em sua personalidade os resquícios da sua convivência com seus parentes durante a sua infância.

Já no momento em que vive a adolescência, esse sentimento ganha intensidade. Segundo Neto e Barros (2001), os jovens têm uma tendência maior a se encontrarem solitários e esse conflito interno acontece nas relações pessoais, provocando um retraimento social. Essa retração é causada por fatores como falta de amizades verdadeiras, preferências que não são aceitas pelos outros, insatisfação com a vida, preconceitos, problemas de ansiedade, incompreensão, timidez, medo de críticas, de não ser aceito socialmente, de falar ou expor opiniões. Diante desses obstáculos, cria-se, inevitavelmente, uma barreira que dificulta a identificação da pessoa que é, sua personalidade e sua individualidade. Valadas (2014, p. 5), intermediado por Goossens & Marcoen (1999) sustenta que “Enquanto o adolescente não consegue atingir um equilíbrio em relação à sua rede relacional e ao seu novo autoconceito, é possível que surjam sentimentos de solidão nos seus relacionamentos.” Desse modo, o

adolescente passa por um momento de construção e reconstrução, em busca de estabilizar a sua personalidade e adequar-se às situações de relacionamento em que vive.

Na vida conjugal também há espaço para a solidão. A mulher se sente só mesmo estando na presença do esposo. Trata-se de um “casamento clandestino”, pois nesse tipo de relacionamento não existe lugar para um sentimento verdadeiro, preocupando-se apenas com as situações externas como o trabalho e os afazeres diários. Nos fragmentos abaixo, retirados do livro *A solidão da mulher bem casada* (Morgado 1987), vemos vários relatos de mulheres que passam por esse tipo de sofrimento:

SENHORA D – 35 anos, professora, dois filhos

Meu marido é muito bom, nada me falta, paga as contas em dia, traz ele mesmo o pão e o leite toda noite, não me deixa sair de manhã para comprar. Ajuda muito. Mas, sabe?, às vezes penso que sou como um dos objetos da casa. Funciono bem, faço tudo direitinho – ele é exigente, sabe? Gosta de tudo arrumadinho, a tempo e a hora. Se eu sou feliz? Acho até ingratidão reclamar, ele é tão bonzinho! Mas acho que, se eu não existisse, não fazia falta. Só iam sentir que eu não estava presente quando começasse a faltar coisas em casa. Acho, às vezes, que ele também tem alguém fora de casa.

SENHORA H – 40 anos, 20 anos de casada, dois filhos, nível sócio-econômico alto, não trabalha.

Não posso dizer que seja dona-de-casa. As empregadas fazem tudo! As crianças (já não são mais, não é? – já estão na faculdade!) quase não param em casa. Fico muito sozinha nesta casa enorme! Minha filha também ganhou um carro, não precisa mais de mim, perdi meu emprego de chofer. Meu marido é muito bom, não deixa faltar nada, chega até ser pecado falar mal. Mas é tão distante! Afinal, a gente tem que entender. Ele é doutor, tem muitos cursos, parei de estudar quando casei. Tenho feito esses cursinhos de atualização da mulher, mas não dá para acompanhar o ritmo dele. Sinto que ele não acredita nas minhas afirmações, ele é tão culto! [...] Mas sabe? Sinto muita falta do carinho de antes, depois... às vezes penso que sou uma acompanhante de luxo; apresento-me bem, não engordei, estou me mantendo jovem, não o faço passar vergonha em lugar nenhum. É até ingratidão reclamar de alguma coisa, tendo tudo, como tenho, mas às vezes tinha tanta vontade que fosse diferente.

SENHORA Z – 45 anos, 25 anos de casada, 3 filhos, professora universitária.

É, a vida é mesmo engraçada. Uns com tanto, outros com tão pouco! Sabe a sensação de ter tudo e não ter nada? É um vazio, fica cada vez pior depois que os meninos cresceram. Sempre achei que a gente devia crescer juntos. Conheci meu marido na faculdade, estudamos juntos, trabalhamos juntos. Era para ser ótimo, não é? Mas talvez você não acredite, ache incongruente. Ele é um bom marido em todos os sentidos [...]. Mas, sabe? Sinto que cresci diferente, sinto que minha sensibilidade se aguçou com o tempo, sinto que minha vida é mais rica, mas meu marido não sintoniza comigo nisso. É como se todo o conhecimento dele tivesse bloqueado de alguma forma a emoção (MORGADO, 1987, p. 59-61).

Os fragmentos acima são exemplos de uma solidão vivida no matrimônio, pois as senhoras “D”, “H” e “Z” fazem um desabafo sobre essa fria convivência, sem nenhum tipo de afeto. Consideram seus cônjuges “bons maridos” por não lhes deixar faltar as necessidades materiais, mas lhes falta uma união mais autêntica, que preencha o vazio que sentem. As três mulheres, embora sejam de idades diferentes, queixam-se do mesmo problema. Os homens demonstram ser insensíveis, e essa ausência de sentimento transforma a relação, até chegar ao ponto em que está, deteriorada. Não existe diálogo, emoção ou a presença de outro sentimento que lhes seja agradável. O título *O espectro do bom marido ou “o que é que te falta,*

mulher?”, presente no relato exposto anteriormente, é coerente com os discursos das esposas, que enunciam: “*Meu marido é muito bom, nada me falta, [...] às vezes penso que sou como um dos objetos da casa. [...] acho que se eu não existisse, não fazia falta*” (discurso da SENHORA “D”); [...] “*Meu marido é muito bom, não deixa faltar nada, [...] Mas é tão distante! [...] Sinto muita falta do carinho de antes, [...] às vezes penso que sou uma acompanhante de luxo*”; (discurso da SENHORA “H”); [...] “*Sabe a sensação de ter tudo e não ter nada? [...] meu marido não sintoniza comigo. É como se todo o conhecimento dele tivesse bloqueado de alguma forma a emoção*” (discurso da SENHORA “Z”).

Observando os fragmentos acima, é perceptível que elas se queixam do mesmo motivo. As esposas mencionam que ser um “bom marido” está ligado a cumprir com as responsabilidades básicas. Elas vivem em uma relação maquinal, baseada em cumprir papéis e, se por ventura, a esposa sentir algum tipo de insatisfação, deve referir-se, novamente, a alguma questão instrumental e não sentimental. Logo, vemos nesse exemplo a presença da solidão no desgaste das relações conjugais. A mulher vive como uma marionete, sujeita a uma mecanização de tarefas que se processam em razão de corresponder ao ofício que lhe é atribuído.

Como em um circuito, com a chegada da velhice, a solidão também adquire ênfase e, na figura feminina, esse sentimento é acentuado. Apresentando-se, agora, como avó, naturalmente, a mulher vive seus momentos de solidão e tristeza. Espontaneamente, ficam mais recolhidas devido às suas condições de saúde, sentem-se esquecidas por seus filhos e netos. Sofrem por acontecimentos como a morte do cônjuge, por não terem coisas mínimas em seu lar, como atenção, conversas descontraídas e carinho. Muitas vivem abandonadas, sozinhas em asilos, sem receber, ao menos, um telefonema ou visita dos parentes.

Como visto, a solidão se manifesta de diversas formas e tem sentido plural. De maneira sintética, Moreira e Callou (2006) afirmam que a solidão pode acontecer na presença, de modo que não exista aproximação psicológica, interação ou comunicação emocional, ou na ausência do outro, em consequência, por exemplo, de uma morte, separação, conforme foi declarado nos exemplos anteriores.

Ancorando-se nas dicotomias esclarecidas *a priori*, a personagem protagonista do primeiro conto estudado suporta uma solidão ocasionada pelo abandono de Deus e do “homem que amava”⁴. Vive em um mar de decepções, à margem da depressão. A personagem principal do segundo conto experimenta uma espécie de “solidão acompanhada”, própria do ser, motivada pela falta de atenção que sente da sua família e de seu esposo, uma solidão que é transpassada da sua infância a sua idade adulta. Mesmo na companhia de várias pessoas, sente-se só. Ambas as personagens não possuem nome no enredo e vivenciam esse sentimento em diferentes perspectivas. Essa peculiaridade de serem personagens inominadas dá margem para que o leitor possa refletir, a partir da ficção, sobre as mulheres que ainda hoje sofrem caladas por medo de se imporem, por acreditar que o tempo é a solução para que as pessoas mudem ou que as dores dos relacionamentos sejam abrandadas.

4 A SOLIDÃO EM “*Se por acaso ouvires esta mensagem*”

Todos somos obrigados a experimentar sensações de abandono pontuadas ao longo de toda a existência. Não estamos imunes às despedidas, aos términos de relacionamentos, nem às perdas de entes queridos. Não conseguimos determinar se seremos aceitos, se desejarão a nossa companhia ou se impedirão os outros de nos excluírem. Sorrateira, a solidão perpassa diferentes instâncias atreladas a

⁴ A protagonista de *Se por acaso ouvires esta mensagem* se refere ao ex-companheiro como “homem que amava”. Essa expressão é utilizada ao longo do texto devido ao fato de não ser nomeado.

mecanismos da sociedade ocidental e por etapas inerentes à condição humana. (COSTA, 2014, p. 15)

Própria do ser humano, a solidão perpassa a nossa vida de maneira autônoma, algo que nos destrói ou nos constrói a depender das reações que temos perante as situações. Partindo de um viés ficcional, foi analisado o conto *Se por acaso ouvires esta mensagem*, de Teolinda Gersão. Nele há um entrelaçamento entre o abandono e a solidão que resultam em cenário de um martírio interminável.

Uma prece ao Divino expõe a fragilidade de uma mulher abandonada, uma mágoa causada pelo outro e pelo Sobrenatural. A tempestade cai sobre seus ombros, o que não espanta, afinal, desde muito, o peso das coisas decai sobre a mulher. Estar sempre abaixo do seu próprio eu era o resumo de uma vida, eternizado pela amargura de ser só. Sua voz era o silêncio, seu sentimento era o de abandono e a sua companhia era a solidão.

No início do conto, a personagem expressa um pedido ao Supremo. Suplica que não feche os ouvidos para si.

Se por acaso ouvires esta mensagem, não finjas que não a ouviste, nem te distraias a olhar as nuvens, ou a falar de outro assunto com quem estiver a teu lado. Se a ouvires, assume que a ouviste. Porque não se pode ao mesmo tempo ouvir e não ouvir (GERSÃO, 2007, p. 85).

Nesse momento, diante de suas dores, a personagem busca o apoio daquele que carrega a imagem de um bom pai e, ao dizer: “*Se a ouvires, assume que a ouviste. Porque não se pode ao mesmo tempo ouvir e não ouvir*”, sinaliza uma revolta contra O Soberano que, sendo uma autoridade superior, ajudaria o filho que passa pela dor e seu papel não permitiria fazer vista grossa frente à sua necessidade. Ela protesta a “inconsciência” de Deus com palavras de ordem, que reverberam em um tom de ousadia o descontentamento que sente, por não obter retorno de seus clamores.

Logo nessa parte inicial, vemos que o seu comportamento é desafiador e, inclusive, para dar mais uniformidade a essa provocação, na própria escrita do texto, há momentos em que as palavras que se referem a Deus, a exemplo de “Ti”, são grafadas em letra minúscula, “ti”, ou seja, ao se portar dessa maneira, provoca o Magnífico, indica uma falta de temor, uma atitude corajosa de contestação com a qual se distancia do respeito ao Altíssimo. “*Se me ouvires, não poderás continuar como és, alguma coisa em ti se transforma e te coloca em movimento*” (GERSÃO, 2007, p. 85). Ela questiona a passividade de Deus. Se Ele a escutasse, algo mudaria, nem que fosse mínima coisa, para que pudesse se sentir amparada. Ao refutar a falta de iniciativa Divina, ela pretende causar algum incômodo que seja capaz de alterar a Sua inércia. Nesse excerto, a palavra que faz alusão a Deus, “ti”, se encontra em letra minúscula, acompanhada, também, de “és” e “te”. Esse modo de falar revela o seu aborrecimento que busca intimidá-LO, em favor de sua proteção.

Uma morte em vida, o sofrimento de uma mulher causado pela traição do silêncio. Silêncio do outro, ao omitir a sua enfermidade, silêncio de Deus, que em meio a essa melancolia, parece fechar os olhos ou não existir, provocando na personagem a criação de uma fé duvidosa que, além de suspeitar da Sua existência e do Seu poder, suspeita, também, da imagem que criamos de Deus. Lança, então, a possibilidade de uma reprodução desconstruída do Divino.

No entanto, não sei se me ouves. Se podes, ou queres, ouvir-me, ou se é de todo impossível a minha voz alcançar-te. Talvez a dificuldade não esteja na transmissão da minha voz, não dificuldades de transmissão nessa era de maravilhas tecnológicas. Talvez a dificuldade, ou a falha, esteja só em ti. Não consigo imaginar o teu rosto. É

possível que não tenhas orelhas, nem olhos, nem ouvidos, e o teu rosto seja muito diferente do que imagino. Talvez seja o rosto de um monstro.

Quando penso em ti, é como se tudo fosse fácil, como numa comunicação telepática. Quase sinto o teu olhar sobre mim, quando levanto os olhos. E então nem preciso de palavras, tudo é absoluto e imediato, numa fracção de segundos transmiti-te tudo o que queria dizer-te, e tu captaste.

Mas sei que é puramente imaginação. Nenhuma nave espacial pousa diante de mim e abre uma porta de luz, de onde tu saís. Se abrir a janela, tudo o que vejo para além dela é a noite.” (GERSÃO, 2007, p. 86)

Ao imaginar um Deus desconstruído, a personagem não só manifesta uma atitude irreverente e afrontosa, bem como a maneira como se dirige à Ele: “*É possível que não tenhas orelhas, nem olhos, nem ouvidos. [...] Talvez seja o rosto de um monstro.*” Que ser seria esse, então? Desafia-o, afirmando, indiretamente que, talvez, Deus seja uma criatura lendária com selo de bondade, cultuada desde os tempos remotos.

Os fragmentos denotam uma incerteza na sua fé. Ante a condição em que se encontra, não acredita na Sua existência. Nada de extraordinário acontece diante de seus olhos para que crie um fio de esperança que possa, pelo menos, tornar rarefeito o seu pranto. Uma atmosfera de desilusão ocupa todo o espaço ao mesmo tempo em que, ao assumir a sua pequenez, ela, mais uma vez, levanta a possibilidade de envolver-se intimamente com Deus, desde que Ele mostrasse o mínimo de preocupação com o seu sofrimento. Se isso ocorresse, ela entenderia que todas as coisas que acontecem têm um motivo e se conformaria com tudo, até mesmo com mal que atingiu a sua saúde, se Ele estivesse ao seu lado.

[...] penso em ti e te imagino, como se pudesses estar ligado a mim por um fio qualquer. Tudo seria muito fácil, penso, se existisse esse fio. Haveria um nexos, uma finalidade em tudo, haveria um objetivo, que, pelo menos para ti, seria perceptível, mesmo que eu não compreendesse. Eu estaria pronta a aceitar a minha inferioridade, em relação a ti, a admitir que a minha inteligência não alcança o mesmo que a tua, que os teus olhos vêem muito mais longe que os meus. Se houvesse um fio a ligar-nos. Se tu mesmo tivesses atado esse fio. [...]

Até esta pequena mancha na pele eu aceitaria. Este mal, que primeiro começou por ser uma pequena mancha na pele e a que a princípio nem dei importância, pensando que era do excesso de sol, por ter andado na praia e me ter deitado tempo demais ao sol, ao lado de um homem que eu amava.

Até perceber que aquela pequena mancha, que depois se alastrava, vinha do homem que eu amava, porque eu me tinha deitado com aquele homem, que eu amava. (GERSÃO, 2007, p. 86-87)

O excerto abaixo mostra o desabafo da personagem protagonista, lamentando a sua infinda decepção por ter sido desamparada por Deus (principalmente) e pelo seu amado, por carregar para sempre a marca da traição em seu corpo. O que em um momento foi para si um sinal de amor, na realidade, era uma ilusão, e o luto de ter sido privada da verdade preenche a sua alma de aflição.

A mulher atribui culpa também ao seu ex-amor, que usufruindo de sua paixão, cometeu um crime sórdido, com o qual, escondendo a sua moléstia, aproveitou-se do seu sentimento, deixando-a vulnerável, para depois partir. Entretanto, denuncia, também a sua ira com o Senhor. As palavras da personagem se revelam munidas de revolta contra Deus, por ter permitido que tamanha desgraça desabasse sobre sua vida. Ocupando patamar de soberania, com poder que rege todas as coisas, seria inadmissível tal postura. No texto abaixo, a personagem manifesta o seu aborrecimento com O Pai, que apresenta comportamento inerte diante das suas aflições:

Claro que havia também o homem que eu amava, é claro que falámos disso, da culpa dele, porque não me disse, e deveria ter dito, da distância que, a partir daí, se cavou entre nós, pela traição das palavras não ditas.

Mas antes dele, estavas tu, que também me deverias ter protegido e falhaste. Se alguém me traiu, foste primeiro tu. Também eu me deveria ter protegido, sei que vais dizer isso, ou sei que dirias, se falasses comigo. Mas proteger-me como? Os preservativos rebentam, ou não sabes disso? Não podes fingir sempre que és alheio a tudo: se um homem que eu amava me traiu, foi porque, primeiro, tu me abandonaste. Deixaste-me cair na noite, no meio do nevoeiro e do fumo. Devias estar na minha vida, junto de mim, e não estavas. E o que acontece comigo não te importa. Culpa minha? Não, culpa tua. [...] Sei que estou a gritar, e que mesmo assim não me ouves, porque não estás aqui. Se estivesses eu sacudia-te pelos ombros, batia com os punhos nos teus ombros, sufocaria a voz no teu peito, esconderia o rosto nos teus braços. Faz qualquer coisa, gritaria até perder a voz. Faz qualquer coisa por mim (GERSÃO, 2007, p. 88)

A personagem sente-se traída por Deus e pelo “homem que amava”, como está mencionado no texto. Por ter se relacionado sexualmente com o seu ex-parceiro, acaba por contrair uma doença incurável, a AIDS. A partir desse momento, seu peito transborda de fúria e acusa o Senhor Deus de seu sofrimento. Por esse motivo, suas condutas espelham provocações que tencionam incomodá-lo. O trecho “*Mas antes dele, estavas tu, que também me deverias ter protegido e falhaste.*” evidencia que a protagonista duvida do Seu poder, suprime a percepção de “Todo-Poderoso”, além de descrer da sua misericórdia. Seus discursos são, unicamente, de acusações, “*Se alguém me traiu, foste tu primeiro*”, isto é, Ele foi o traidor primeiro, que, de alguma forma poderia tê-la defendido, lhe alertado, evitaria que ela se deixasse levar por uma paixão ilusória que terminou de um modo tão infeliz. Ao dizer “*Não podes fingir que é alheio a tudo: se um homem que eu amava me traiu, foi porque, primeiro, tu me abandonaste.*”, a personagem afirma que Deus é o grande mentor da tragédia de sua vida, pois se Ele é o Pai, estaria, também, decerto, a orientar as suas escolhas.

Considerando, nesse excerto, o ápice da revolta, notabilizamos que a personagem de Teolinda Gersão prova da solidão resultante do abandono. O seu estado psicológico traduz um profundo abatimento, proporcionado pelo sentimento de abandono proveniente da perda e frustração no seu relacionamento afetivo e, de Deus, por deixar-lhe cair em um oceano de tribulações e não se comover, ao menos, de forma miniatural, com a sua dor e nem fazer o menor dos esforços para aplacar o seu sofrimento.

Estar abandonada sem ter respostas, sem entender o porquê de tamanho sofrimento, experimentando uma dolorosa situação que lhe corrói por dentro. Parece que todos os males resolveram, juntos, mergulhar de uma só vez em sua vida, esse seria o amanhã dessa triste mulher. O fragmento abaixo expõe a agonia suportada por ela. Suas palavras são o que lhe resta, é o seu único objeto de defesa capaz de responsabilizar àquele que lhe desprezou primeiro e lhe incumbiu a pena de sobreviver ao óbito.

Justamente agora. Quando tudo se ajeitava melhor na minha vida, que parecia finalmente resolver-se. Tinha um homem que amava, e um trabalho que me sustentava. O mínimo dirás tu. Mas quase ninguém tem esse mínimo, é assim o mundo. Vive-se em falta, e em falha.

Nem sequer me ouves, por muito que eu grite. Nunca vais ouvir esta mensagem. Mas se por acaso a ouvires, Deus, se por acaso ouvires esta mensagem, não afastes de mim o teu rosto: não cortes este fio de palavras que vou estendendo entre mim e ti, porque não me resta mais nada senão este fio imaginário – provavelmente tu não existes e falo sozinha, no nevoeiro e na noite, mas se acaso existires e ouvires esta mensagem, não cortes o fio, Deus, não cortes este fio de palavras, e fica a escutar-me. Até ao fim. (GERSÃO, 2007, p. 89)

Os lábios lamentam a sua desventura, é a única forma de proteger-se. Com uma fé tênue e oscilante, de novo, volta a suplicar o socorro Divino para encontrar forças para continuar a viver e fazer do Seu amparo, o seu porto seguro. Dessa forma, busca diminuir a solidão que se estacionou em sua vida. Nos entraves os quais enfrenta a personagem, as lágrimas são inconsoláveis e imortalizadas pela solidão, a qual se sucede, em decorrência do abandono literal causado pelas duas figuras importantes do enredo, o seu ex-companheiro e Deus.

5 A SOLIDÃO EM “*Seta Despedida*”

[...] Para nos sentirmos sós não é necessário que estejamos sem uma outra pessoa ao nosso lado, ela (*a solidão*) pode se dar em meio a uma multidão, ou mesmo em meio a uma relação íntima. Se a solidão estivesse no âmbito do puramente categorial, ela se esvairia imediatamente com a presença de qualquer outro. (MACEDOUTO e JUNIOR, 2017, *grifo nosso*, p. 14)

Além de ser típica do ser humano, a solidão acontece de diversas formas. Como afirmam Macedouto e Junior (2017) na citação acima, a solidão não só está presente na falta que podemos sentir de alguém, mas também pode se encontrar na presença de muitas pessoas. Assim acontece no conto *Seta Despedida*, de Maria Judite de Carvalho, a personagem vivencia a solidão em um contexto coletivo. Ela passa despercebida na vista dos seus familiares, que não formam laços afetivos com a protagonista. Ela é apenas um membro da família.

A trama apresenta a solidão como fruto de uma invisibilidade, permeando momentos da vida da personagem principal como a infância e a sua idade adulta. No conto analisado, a solidão está presente na lembrança de uma infância desmemoriada e em um presente isento de alegrias.

Lembranças vagas de uma infância solitária se misturam com o presente de uma mulher que é invisível aos olhos dos seus. Em uma viagem no tempo, a personagem protagonista de *Seta Despedida* transparece conflitos com a vida, entregue à sina de viver constantemente na presença da solidão, sentimento que lhe acompanha a partir do tempo em que era criança, até o momento corrente, em que se torna uma mulher adulta.

O enredo se inicia com memórias da infância, das crianças que foi e dos outros que viviam em sua antiga casa:

Às vezes faz esforço e vê a casa como se ela fosse nova, com os traços nítidos e com as cores vivas da primeira vez das coisas, móveis pesados, volumosos, quase agressivos, e paredes bem lisas. Então lembra-se da criança, das crianças que lá moraram, meninas de várias idades mas muito parecidas, do pai, da mãe, da avó, da criada e do gato. (CARVALHO, 1995, p. 9)

A partir desse momento, começamos a notar os primeiros sinais de solidão entranhados nos períodos iniciais da sua história.

O pai era um homem claro, lento e ausente, mesmo quando não falava fazia-o como quem não liga grande importância a nada e nem a ninguém, [...] Quando mostrava um sorriso, o que era raro, todos se sentiam [...] muito gratificados, era uma espécie de atenção concedida. A mãe, nos últimos tempos, estava quase sempre com os olhos inchados ou então a descansar; não faça barulho que a mamã está a descansar, dizia a criada que foram sucessivas criadas, sem rosto e sem nome, mas todas baixas, fortes, morenas, beiroas. A avó sempre tinha sido velha, era como se o tempo não pudesse feri-la mais. O gato, [...] depois mirrou, [...]. Quanto à menina, às meninas, são quase sempre indecisas e vaporosas, flutuam, têm algo de

ectoplásmico, fecha os olhos, agora, e andam vacilantes por aqui e por além, depois bate as pálpebras e eis que perdem a visibilidade e se alteram, se dissipam. (CARVALHO, 1995, p. 9-10)

Aos poucos lembra-se de todos que fizeram parte da sua vida, a começar pelo seu pai, que era um homem distante. O pai era apenas um hóspede da casa. Ao recordar a frieza desse procriador, o que vem à sua memória é a imagem de um homem seco, insensível, que não lhe deu atenção, nem estabeleceu laços familiares em uma relação legítima de pai para filha. O trecho “[...] *Quando mostrava um sorriso, o que era raro, todos se sentiam [...] muito gratificados, era uma espécie de atenção concedida.*” Indica a grande falta de atenção do pai para com os membros da casa, percebe-se que qualquer atitude dele se torna muito significativa devido à escassez de interesse e apreço pela sua família. A mãe, “*quase sempre com os olhos inchados ou então a descansar*”, parecia doente, talvez estivesse ou vivia em uma contínua tristeza por causa, talvez, do seu casamento estar em ruínas, visto que a postura do pai era fria e incomunicável. A criada era mais uma como todas que já passaram por lá, idênticas. A avó, parecia já muito debilitada, não podia mais ser atingida pelo tempo. O gato foi morrendo aos poucos. A(s) menina(s), apresentava(m) várias faces de um único ser, de caráter enigmático, aéreo e indefinível. A ausência de detalhes sobre os personagens colabora para os ares de solidão que compõem o enredo.

Todos presentes naquele lar eram distantes. Tudo contribuía para a solidão.

Às vezes vinham outras crianças que moravam perto e essas eram barulhentas e acabavam por ir todas para o quintal das traseiras ou para o quarto dos brinquedos, porque a mãe sempre estava a descansar. E havia em toda a casa um grande silêncio dos segredos e dos risos abafados. Uma das crianças chamava-se Ísis e o pai, quando a via, dizia sempre <<Olá, deusa!>>. (CARVALHO, 1985, p. 11)

Notamos que solidão ganha espaço na essência da personagem baseando-nos nos primeiros indícios evidenciados no texto. A narradora destaca que a conduta do pai era indiferente com os seus, todavia, como consta no fragmento acima, ele manifesta a sua saudação à vizinha “Ísis”, dizendo “*Olá, deusa!*”. Ao proferir essas palavras, demonstra atenção para terceiros, enquanto a família era sempre esquecida.

Aos poucos todos foram embora da vida da personagem e ela ficou na sua própria companhia, na companhia do tempo, do levar dos dias, seguiu a trilhar o seu destino vário e a distrair a mente com pensamentos adormecidos sobre ela mesma, sobre várias identidades que assumiu/assume nos momentos desvairados, insignificantes e vazios. Não via razão para existir nem para continuar a viver, apenas seguir sobrevivendo ao fado que lhe foi dado.

<<Fui aquela, esta, esta ainda>>, gosta de pensar. Entre uma e outra nunca houve uma transição lenta, suave e imperceptível como são as transições, mas uma espécie de dilúvio universal, e todos desapareceram debaixo das águas revoltas e das terras que elas arrastavam consigo. Só ficou a casa-arca, boiando mal ou bem, mais ou menos à deriva, e dentro dela a mulher, à espera sabe lá de quê, à espera de coisa nenhuma. [...] Nesses momentos surge entre nada e nada, bem nítida, quase viva, mas são breves instantes e tudo foge. (CARVALHO, 1995, p. 12)

Com o tempo, ela mesma foi mudando: cansou de ser a mulher de sempre. Uma mudança aparente, de efeito momentâneo, instável, que se desconhece e reconhece. Uma espécie de disfarce usado para encobrir as angústias da sua intimidade. Modifica apenas a sua figura externa, seu peito continua a ser como uma bruma a cobrir as montanhas.

Amanhã vou pintar o cabelo, decide. Porque no amanhã de certos dias pinta sempre o cabelo ou compra um *bâton* diferente, mais claro, mais escuro, incolor, pinta os

olhos ou ignora-os, usa ou não óculos escuros. Há ocasiões em que a encontram, hesitam, será ela?, devem pensar. <<Meu Deus, estás diferente, que te aconteceu, mulher>>? Apetece-lhe responder que morreu e ressuscitou, que estava na idade dos peixes e houve um cataclismo e se encontra agora na dos lagartos, mas ninguém iria compreender as suas palavras. Nem ela própria. Porque além da cor do cabelo, ou do lápis com que pintou os olhos, tudo está absolutamente igual. (CARVALHO, 1995, p. 13)

A personagem principal de *Seta Despedida* decide mudar fazendo alterações no seu aspecto exterior, apresentando um estilo diferente. Ao dizer “*Amanhã vou pintar o cabelo, [...]*” considera que o uso desses adereços lhe confere a ideia de redefinição do ser. Sua antiga condição feminina era caracterizada por uma monotonia, agora, em sua nova versão, se despede de quem era dando lugar a uma nova superficialidade. Essa repaginada no seu visual era o desejo que tinha de se tornar outra pessoa, uma arma secreta usada para receber um pouco de atenção, pelo qual lhe foi concedida ao ser notada por essa metamorfose: “<<Meu Deus, estás diferente, que te aconteceu, mulher>>? [...] Como esperava, alguém percebeu a mudança na sua aparência, realmente essa transformação chamava a atenção das pessoas, atraía olhares. Contudo, o seu interior era o mesmo, essa falsa estratégia de reinventar-se não lhe trouxe a renovação que pretendia, apenas maquiou as suas dores. Observemos o excerto a seguir: “[...] *mas ninguém iria compreender as suas palavras. Nem ela própria. Porque além da cor do cabelo, ou do lápis com que pintou os olhos, tudo está absolutamente igual.*” A personagem expressa, então, que ninguém entenderia o porquê dessas mudanças, nem ela mesma compreende. O fato de se sentir só, na presença dos outros, deixava-a desequilibrada, sem uma noção clara das coisas. Para ela, só ela sabia o que sentia. Tudo era confuso. Essa controvérsia era constante no seu meio pessoal e, apesar de mudar por fora, de utilizar artifícios para esconder as marcas da sua interioridade, permanecia a mesma. O seu íntimo continuava a ser como um tapete de nuvens cinzentas: de nada adiantou investir nessas variações corpóreas.

Voltando a memória para a infância, novamente a personagem relembra o passado, para momentos marcantes, o que não implica dizer que é sinônimo de momentos felizes. Lembra-se, pois, do grande constrangimento que passou na escola ao furtar uma caneta que pertencia à sua colega que, ao sentir falta de tal objeto, prestou queixa à professora:

<<Ninguém quer falar?>>, perguntou então a professora, que era magra e usava uns óculos redondos, muito espessos. <<Se ninguém confessa tenho de passar revista às vossas pastas e aos vossos bolsos, Tu!>>, exclamou de ponteiro em riste, <<vem cá. E antes de mais explica como é a caneta. De que cor?>>

A miúda sardenta subiu ao estrado e disse outra vez, na sua voz aflautada, que era uma caneta muito bonita que o pai lhe tinha dado no dia dos anos. Preta, era preta e com um nome em letras douradas. Que a tinha na pasta e que depois já lá não estava e que...

<<Muito bem, espera aí. Meninos! Tragam cá as vossas coisas. Um por um. Vamos começar por ti.>>

Estojos abertos sobre a grande e velha secretária cheia de pingos de tinta ressequida, pastas despejadas, bolsos voltados para o avesso. Tesouros de cromos, de moedas, de caricas, dois espelinhos, três pentes, canivetes. Um, dez, vinte alunos regressaram aos seus lugares com o ar virtuoso e vitorioso da inocência publicamente reconhecida. Ao vigésimo primeiro a miúda sardenta gritou: <<É a minha caneta, é a minha linda caneta!>> E a professora olhou longamente a culpada, disse-lhe que não saísse depois da aula, tinha que ter uma conversa as duas. E entregou o corpo do delito à sua legítima e triunfante proprietária.

Como o seu lugar era na última fila, a ré desceu a coxia central quase sem forças nas pernas. Todos a olhavam e riam dela e diziam coisas que mal percebeu porque estava envolta na pesada capa da sua ignomínia. Nítida só a palavra ladra que

ninguém pronunciara mas que nem por isso era menos forte. A professora disse então: <<Silêncio, vamos terminar a aula, ainda faltam dez minutos.>> (CARVALHO, 1995, p. 15-16)

O episódio de a professora observar detalhadamente os pertences de cada aluno e revelar o culpado abertamente era uma atitude devastadora. A seguir: [...] <<Se ninguém confessa tenho de passar revista às vossas pastas e aos vossos bolsos, [...]>>. O feito significava uma grande desonra, conseqüentemente, seria envergonhada na frente de seus colegas, como podemos ver no fragmento subsequente: “Ao vigésimo primeiro a miúda sardenta gritou: <<É a minha caneta, é a minha linda caneta!>> E a professora olhou longamente a culpada, disse-lhe que não saísse depois da aula, tinha que ter uma conversa as duas. [...]” O olhar da professora era de acusação. Uma menina que era invisível tornou-se, agora, o centro das atenções. Seu plano desprezioso de maldade tinha dado certo na parte em que recebera atenção, mas o tipo de atenção que pretendia era algo sadio e não uma atenção desfavorável, como recebeu. Ela foi duramente humilhada, conforme podemos apreciar: “[...] a ré desceu a coxia central quase sem forças nas pernas.[...]” A personagem foi ridicularizada, o modo de resolver o problema escolhido pela professora foi torturante para uma pequena criança suportar, uma mágoa que ficaria guardada para sempre na sua memória. [...] Todos a olhavam e riam dela e diziam coisas que mal percebeu porque estava envolta na pesada capa da sua ignomínia.” Em meio a julgamentos, risos e olhares atravessados, engoliu aquele constrangimento que, arruinando a sua dignidade, lhe fez ser vista como ladra.

O ato de furtar a caneta era um segredo seu, uma atitude que pudesse lhe fazer ser lembrada pelas pessoas, uma vez que era uma criança esquecida; e esse rebaixamento pelo qual passou fazia dela uma menina ainda mais triste e solitária. “[...] - e ela, naquele dia, tinha ombros estreitinhos, falta de palavras para se defender, e a firme convicção de que ficaria para todo o sempre com uma marca na testa.” (CARVALHO, 1995, p. 16) Seria lembrada por conta desse acontecimento que a fez sofrer.

Com uma memória frágil e incerta, às vezes pensa sobre o roubo da caneta. “acabou por não saber ao certo se teria mesmo roubado a caneta ou se alguém a teria metido no seu bolso para a incriminar.” (CARVALHO, 1995, p. 16) Já não sabia mais o que realmente tinha acontecido:

No dia seguinte, estava com febre e não foi à escola. Depois falou-se em pneumonia. Depois, já não sabe porquê, mudaram-na de colégio. Mas agora, pensando melhor, lembra-se de que, na véspera da caneta [...] o pai tinha saído de casa com duas malas depois de uma discussão violenta com a mãe, e nunca mais tinha voltado. (CARVALHO, 1995, p. 17-18)

A humilhação pela qual a personagem passou na escola causou-lhe uma sensação de mal-estar que a acabou adoecendo, vítima de uma febre que pode ter sido causada pela péssima situação emocional em que se encontrava. Ao recuperar-se da tensão, ela parecia um pouco mais aliviada, equilibrada e lembra, então, que um dia antes do roubo da caneta, seu pai, após ter tido problemas com a sua mãe, partiu. Essa atitude insinua que o fato de sua mãe estar sempre triste, a descansar, pode ser o resultado de uma relação que já não existia e que terminou com a partida do esposo. Com a presença dele, ela já se sentia invisível, sozinha, e na sua ausência, a sua solidão seria multiplicada. É provável que, além de buscar a atenção das pessoas que faziam parte do seu convívio social, quis chamar a atenção do pai, talvez para que ele pensasse em mudar a sua decisão e ficar mais perto da família. Chamar a atenção através do furto, porventura, fosse o seu jeito de conseguir pelo menos um pouco de atenção para ser lembrada, notada e diminuir a solidão.

Ser solitária, para ela era como se fosse algo da sua natureza, como uma doença incurável, que por mais que buscasse meios de atenuar o problema, estaria sempre ali, até a morte, tanto que as fases da sua vida praticamente são revestidas de solidão. Ao recordar momentos presentes e passados, é característico que esse sentimento marque presença. Como no trecho a seguir:

De vez em quando mexe em velhos papéis, em velhos álbuns. Há dias encontrou uma fotografia sua meio apagada. Tinha os olhos muito abertos, queixo no ar, braços fininhos escorridos ao longo do corpo, e estava muito séria. Macambúzia talvez fosse mais certo. O vestido era azul, vestiam-na quase sempre de azul, era decerto a cor que a mãe preferia. Ouviu a voz do pai, de máquina em riste: <<Vou disparar.>> A voz estava perdida no tempo, mas ela ainda ouviu às vezes, quando não esperava, quando não estava a pensar nisso. <<Vou disparar!>> Disparar como se a fuzilassem. Ela, encostadinha a uma árvore de um jardim qualquer, e, na sua frente, o pelotão de execução, melhor, o fuzilador. A palavra existiria, fuzilador? E havia no seu peito um pequeno receio duro e doloroso de fim, depois de uma ressurreição sem glória, porque nem a morte nem a vida eram importantes. <<Pronto. Fica como ficar>>, disse o pai, aborrecido, e sentou-se no banco, perto da árvore. [...] (CARVALHO, 1995, p. 18-19)

Ao olhar fotografias antigas, a personagem, outra vez, lembra-se da sua infância, em especial, recorda momentos que viveu na “companhia” do pai. Lembra-se, portanto, do dia em que tirou uma fotografia com ele, o que para ela significava um contato afetivo, uma proximidade, era algo que desejara muito. Em: *“E havia no seu peito um pequeno receio duro e doloroso de fim, [...], o trecho sugere considerar que, para a personagem, aquele momento era precioso, a carência que sentia era tão intensa que qualquer momento ao lado do seu progenitor era relevante. Ela temia que o momento da foto chegasse ao fim porque queria ter aquele contato, via nisso uma oportunidade de estreitar a relação entre pai e filha. Mas tudo era inútil, a insensibilidade do pai era mais forte, não permitia formar laços de afinidade. O instante ao lado dele era o nascer de uma nova vida, entretanto, suas esperanças de escrever uma nova história com esse homem foram por água abaixo. O excerto “[...] depois de uma ressurreição sem glória, porque nem a morte nem a vida eram importantes. <<Pronto. Fica como ficar>>,” revela que mesmo tendo a fotografia em mãos como forma de recordação, de nada adiantou, não há boas memórias para lembrar do seu pai, que além de ser seco, era, também, um homem rude. Sente-se frustrada. Para ela, não há diferença entre vida e morte, pois desde cedo foi predestinada ao fim das alegrias da vida.*

Em seu matrimônio vivia à maneira do esposo, sempre em casa. Ele era um homem que só se preocupava com negócios, fazia reuniões em casa para tratar sobre essas questões. “Ela é nessas alturas uma pessoazinha incolor, apagada, às vezes ausente, porque em certas ocasiões acontece-lhe despir o corpo, deixa-lo na cadeira, ou, melhor ainda, no *maple* que está habituado a coisas dessas, parte, vai para bem longe.” (CARVALHO, 1995, p. 20) No meio das conversas vazias sentia-se só: seu corpo era presente, mas ela mesma estava distante, era despercebida.

Outras vezes vai desenhando com traço fino as pessoas na tela do fumo, embora as suas mãos continuem presas, a esquerda ao joelho direito, a direita ao cigarro. Porque fuma com a mão direita como todos os desocupados. Sente-se então longe, como se os outros falassem uma língua estranha, ou como se o mal fosse dela, bicho esquisito entre bichos de uma mesma raça. (CARVALHO, 1995, p. 20-21)

Era sozinha, vivia entre seres que eram incomunicáveis, subsistia a uma mentira, parecia um ser desconhecido diante daqueles que lá estavam. Como no fragmento seguinte: *“Sente-se então longe, como se os outros falassem uma língua estranha, ou como se o mal*

fosse dela, bicho esquisito entre bichos de uma mesma raça. ” Sua presença era ignorada, não se sentia confortável naquele ambiente. Podia defini-la como qualquer outro ser, não era uma pessoa, muito menos mulher, era uma figurante a ilustrar aquela cena.

Nessa noite foi por entre risos e conversas decerto cheias de interesse para a maioria, que a ideia, melhor, o esboço da ideia, ou talvez o seu vislumbre, chegou. Disse- a alguém, mas ao mesmo tempo caiu de uma gaveta miniatural dentro da sua cabeça, ou de uma estante onde estava arrumada e esquecida. Caiu, foi caindo e ficou por assim dizer aos seus pés. Apanhou-a, embora continuasse quieta e encolhida, e procurou ler o que estava lá escrito preto no branco. Entretanto sorria atenta e interessadamente aos olhos um pouco estrábicos de alguém que falava consigo, melhor, que dizia um monólogo em sua intenção, ao mesmo tempo que metia um cigarro entre os lábios e o acendia. Tratava-se de Ivette ou Arlette a dizer que só fora para fugir à rotina, na verdade nem lhe apetecia, conhecia Londres como os seus dedos. Pôs o isqueiro em cima de qualquer coisa e continuou a falar agora de um avião que não pudera aterrar porque os controladores estavam em greve, uma maçada. Era o início de uma longa crônica de viagem, dava para pensar em muitas coisas, sobretudo na rotina, que não era bem aquela que Ivette ou Arlette se referira, mas outra bem diferente. Porque o que lhe caíra aos pés dizia que a rotina, pois claro, mas a rotina do marido. E que ela vivia, desde o dia em que se tinha encontrado, na rotina dele, e antes disso na da mãe. Que, em suma, nem a rotina era sua, nunca fora. Houvera uns gritos a rasgar o silêncio mas quase todos estavam esquecidos. E isso, que talvez fosse sem importância, que faria decerto rir as pessoas se ela resolvesse dizer em voz alta: <<Olhem, descobri uma coisa sensacional, querem ouvir? Nem rotina tenho, escolheram-na para mim (qual escolheram, nem isso), e eu tenho vivido nela sem dar por nada.>>

Ivette ou Arlette fez um gesto mais largo e o isqueiro caiu no carpete. Moveu então o pé lentamente, como quem muda de posição, empurrou-o para debaixo do *maple*. [...] (CARVALHO, 1995, p. 21-22)

Nessa noite de palavras insignificantes, a sua argúcia começou a arquitetar mais um dos seus segredos. *“Ivette ou Arlette fez um gesto mais largo e o isqueiro caiu no carpete. Moveu então o pé lentamente, como quem muda de posição, empurrou-o para debaixo do maple. [...]”* Trouxe à luz o seu mais novo segredo, era uma brecha para tornar-se visível aos olhos daqueles, cogitava uma chance de receber algum tipo de percepção.

Nessa noite, quando o marido adormeceu, pesadamente como sempre, levantou-se e foi sentar-se na sala. Não levava para a cozinha copos nem cinzeiros, e havia um cheiro grosso, desagradável, a tabaco frio, a álcool, e também ao perfume muito intenso de uma das mulheres. Sentou-se para pensar. Mas ainda não havia em si espaços para pensamentos, só para sensações. [...] Antes de se sentar, porém, tirou de debaixo do *maple* para onde o seu pé o empurrara o isqueiro de Ivette ou Arlette, e olhou-o com atenção. Era um isqueiro qualquer, vulgaríssimo, de metal prateado. Pô-lo em cima da mesa redonda, de vidro, e partiu. (CARVALHO, 1995, p. 23-24)

O seu lar não possuía traços que se referissem à personagem, havia o cheiro impregnado do perfume de uma das visitantes, mas não existia nada subjetivo. Tinha em mãos o isqueiro, um objeto comum. De que lhe valia ter aquele utensílio? O que significava? Para lhe trazer vagas memórias das vezes que precisou que alguém a enxergasse. A solidão era produto de um conjunto de faltas que se estabeleceram desde a sua meninice.

Embora quieta abriu e fechou gavetas silenciosas e sem segredos. Todas menos uma onde havia, dentro de uma caixa de madeira pintada, uma flor que alguém lhe dera há eternidades, dois lenços cuja existência tinha esquecido, uma pulseira de pechisbeque também já sem história, a lembrança de uma caneta preta com um

nome em letras doiradas. Nessa gaveta há também, agora, um isqueiro. (CARVALHO, 1995, p. 24-25)

Os seus segredos moravam em uma gaveta de histórias. Cada um carregava em si lembranças vagas, às vezes turvas. Eram frutos das suas artimanhas utilizadas para minimizar a solidão, que, como se fosse um feitiço, lhe acompanha todos os dias, do nascer ao pôr do sol.

Por se sentir sempre esquecida, a personagem buscava chamar a atenção das pessoas através de atitudes astuciosas. Seu desejo era não precisar fazê-las, isso significaria que a sua vida estaria como sonhava: visível. Quando criança, o roubo da caneta foi um pretexto usado para chamar a atenção do pai; o momento da fotografia, para ela, representava um imenso prazer. Agora, esse episódio se repete na fase adulta com o seu marido, após o roubo do isqueiro.

Em um diálogo com o esposo, a personagem expressa a vontade de mudar. No entanto, a mudança que ela sugere não é a necessária. Na verdade, ela queria que naquela conversa houvesse um contato em que ela pudesse ser ouvida, ser vista, receber a atenção que gostaria. Mas tudo é em vão, seu marido continua o mesmo. A personagem deseja mudança, porém essa vontade não se realiza, visto que ela se resigna à sua condição. A solidão já protagoniza a sua vida.

— Não te apetecia às vezes mudar? - perguntou ao marido com o ar natural e a voz de todos os dias.

— Mudar o quê? – espantou-se ele sem exagero.

— Sei lá. Mudar. De casa, por exemplo. Nasci aqui, estou farta. Mudar de cara. Às vezes olho para o espelho e sinto um cansaço... Tu não? Mudar de língua. De rua. De país. Mudar de vida. Arranjar papéis falsos, sei lá!

Ele poisou a colher, limpou a boca devagar, olhou-a, e na sua testa havia várias interrogações.

— Que diabo te deu? Sentes-te bem?

— Não sei.

— Não sabes o quê?

— Se me sinto bem.

— Dizes às vezes umas coisas...

— Não te acontece olhar para ti, para mim, para as paredes, para as pessoas, na rua? Não sentes que houve um engano? Não sentes, pelo menos, que *pode* ter havido um engano?

— Que engano?

— Sentes-te bem na tua pele? Sentes-te *sempre* bem na tua pele?

— Se queres saber, nunca me incomodou.

— Que bom!

Ficou calada, longamente calada, enquanto ele, decerto já a pensar noutra coisa, comia. A certa altura disse:

— Tive hoje um problema com o carro.

Ela, porém, recusou-se ouvi-lo. Acontecia.

— Estou certa de que houve um engano – continuou. — Absolutamente certa. Porque hei de eu ser assim, estar aqui, contigo...

— Gostaste de mim, suponho – respondeu com frieza.

— Claro, claro. Mas aí está, porquê? E tu de mim? E por que havíamos de nos ter encontrado? Também gostaste de mim, não é verdade?

Um sorriso largo, tranquilizado. O sorriso de quem, ora está aí, percebeu tudo. As mulheres...

— Mas que diabo se te meteu na cabeça? Claro que gosto de ti, claro que és a única pessoa de quem verdadeiramente gosto.

Deu consigo a sorrir daquele <<verdadeiramente>> com tanta inocência lançado. E a pensar que é necessário prosseguir. Ele não compreendia e ela não sabia explicar-se melhor. Ou não podia. Ou não o desejava.

[...]

Já quase no fim da refeição, disse ele:

— [...] o Ricardo telefonou esta tarde.

— Quem é o Ricardo?

— O marido de Ivette.

— Ivette ou Arlette?

— Ivette.

— Ah.

— Parece que ela perdeu um isqueiro. Pensou que podia tê-lo deixado cá em casa.

Disse-lhe que te perguntava.

— Um isqueiro?

— Um isqueiro de prata.

Ela sorriu vagamente.

— Não encontrei nenhum isqueiro – disse. (CARVALHO, 1995, p. 26-29)

Exausta de tudo o que lhe consumia por dentro, percebe que é hora de se assumir como um novo ser. A personagem vivia à espera de que os dias passassem, era um ser mecânico, como expõe Carvalho (1995, p. 24): “[...] um manequim que se levantava às oito horas, que sujava e lavava panelas, que fazia uma cama, que ia às compras, que ouvia rádio como pano de fundo, que olhava para o relógio porque talvez estivesse a fazer-se tarde para qualquer coisa.” Era uma realidade imutável, não havia espaço para prazeres. A vida da personagem tinha um gosto amargo, e para alterar esse fato, algo teria que ser diferente. Ela queria mudar. Isso não seria uma coisa tão fácil, uma vez que o seu esposo não dava importância a ela nem aos seus sentimentos, desse modo, era difícil haver uma comunicação. O que saía da sua boca ficava perdido no ar.

Sua pergunta: “— *Não te apetecia às vezes mudar?*” notifica uma delicada provocação, mesmo sabendo que nada mudaria, é como se a má sorte caminhasse ao seu lado. O fragmento “— *Sei lá. Mudar. De casa, por exemplo. Nasci aqui, estou farta!*” expressa a sua paciência esgotada. Sentia o desejo de novas experiências, sentimentos diferentes, qualquer coisa que fugisse do habitual. Ela sentia-se como um passarinho aprisionado com sede de voar, de viver o que é de seu direito, respirar novos ares.

Por não se importar com a esposa, o marido não compreendia as palavras dela e questiona: “— *Que diabo te deu? Sentes-te bem?*”. Ele não entendia e pensou, talvez, que a esposa estivesse passando por algum estresse momentâneo ou em estado de delírio. Eles são um casal incomunicável. Ele, preso à racionalidade, ela, aberta às emoções, não há um fio para uni-los. Inconformada, mais uma vez interroga: “— *Não te acontece olhar para ti, para mim, para as paredes, para as pessoas, na rua? Não sentes que houve engano? Não sentes, pelo menos, que pode ter havido um engano?*” Grande era o seu desprazer com a vida. Supunha que poderia ter acontecido um erro, que algo poderia ser consertado ainda e começar, então, uma nova história, mais feliz. Ainda insistiu nas perguntas, mas as respostas eram as mesmas. “— *Sentes-te bem na tua pele? [...] — Se queres saber, nunca me incomodou.*” Engoliu aquelas conclusões desacreditada de tudo, não tinha mais o que imaginar para sair daquele drama interno.

Voltando aos assuntos que lhe importavam, o esposo fala sobre seus pequenos contratemplos. “— *Tive hoje um problema no carro.*” Sentenciou, portanto, que verdadeiramente há de ter ocorrido um equívoco, “— *Estou certa de que houve um engano – [...]*” não era possível que fosse invisível daquela maneira, que não desfrutasse de mínima alegria, que ela fosse se sentir sozinha eternamente. Sua condição humana gritava por afabilidade, não podia ficar a idealizar astúcias. Como essa já era uma peculiaridade misteriosa da personagem, o furto do isqueiro lhe rendeu o fruto que desejava, o esposo contou-lhe sobre o sumiço do tal objeto. “— [...] o Ricardo telefonou esta tarde. — *Quem é o Ricardo? — O marido de Ivette. — Ivette ou Arlette? — Ivette. [...] — Um isqueiro? [...] —*

Não encontrei nenhum isqueiro – disse.” Ela foi lembrada. Seu sorriso traduzia um ar de satisfação. Como fez com todos os seus segredos, ficou com o isqueiro para si para fazer morada na sua “gaveta de segredos” que escondem retalhos de histórias do seu passado.

A personagem vive em um ciclo vicioso. É como se todo o seu caminho fosse traçado, como o próprio título do conto sugere: *Seta Despedida*. Uma metáfora usada para expressar a própria personagem, mergulhada em um passado e um presente marcado por mágoas que lhe causaram sofrimento. “E o tempo foi passando. Seta Despedida não volta ao arco.” (CARVALHO, 1995, p.19) Não há chances de reparar o passado, apenas revisitar os momentos que ficaram guardados na memória, independente de terem sido alegres ou não, como faz a personagem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A solidão é o tema presente nos dois contos analisados. Como posto inicialmente, a solidão é própria da condição humana, podendo perpassar cada instância da nossa vida. Tem a ver com o meio social no qual o indivíduo faz parte. De acordo com Tatit e Rosa (2013), o sofrimento é uma reação ao que vive o sujeito, portanto, a solidão, assunto o qual é enfatizado neste artigo, é o reflexo das vivências pelas quais passa o homem. Sendo assim, os contos *Se por acaso ouvires esta mensagem* (2007), de Teolinda Gersão, e *Seta Despedida* (1995), de Maria Judite de Carvalho têm como foco a solidão vivida pelas personagens femininas.

As personagens de Teolinda Gersão e Maria Judite de Carvalho são imersas pelo mesmo sentimento: a solidão. Outra coisa que elas têm em comum é o fato de não serem nomeadas, são tratadas como seres inominados, talvez seja uma forma de criticar a invisibilidade das personagens femininas, baseando-se nas relações humanas. As peculiaridades que formam a composição dos contos são equivalentes e se constituem a partir da dor suportada por cada uma. As narrativas interagem entre si, apontando o sofrimento da mulher causado pela figura masculina. Em *Se por acaso ouvires esta mensagem*, a protagonista sofre pelo abandono Divino e do seu ex-companheiro e em *Seta Despedida*, a personagem padece uma invisibilidade diante dos olhos dos seus familiares, que se acentua na figura do pai e do esposo. Eles apresentam suas diferenças, mas se compatibilizam quando se trata de solidão, resultando em uma relação incomunicável de pai para filha e de marido para mulher.

Nessas produções literárias, a mulher é o centro do texto. Logo, é sobre elas que se estabelece o fracasso das relações afetivas, elas sentem mais a dor de um insucesso amoroso. A exemplo do primeiro conto analisado, a mulher entra em estado de uma demasiada tristeza em decorrência de traições que terminaram em uma separação deprimente. A personagem se encontra sozinha, sem amparo, provando de um intenso desgosto ocasionado pela omissão e imprudência de Deus, que poderia ter lhe prevenido dessa angústia, e pelo “homem que amava”, por ter lhe enganado e desfrutado do seu prazer em silêncio. Já no segundo conto, a personagem se sente só mesmo estando na presença de outras pessoas. Vive uma solidão que se originou na infância, na relação com os familiares, ela era invisível aos olhos dos seus, ninguém se importava com ela, todos estavam próximos fisicamente, porém, ao mesmo tempo, todos eram distantes no que se refere ao âmbito afetivo.

Em relação à dificuldade de viver, as autoras também concedem destaque. A exemplo de Maria Judite de Carvalho, que eterniza em palavras a melancolia da mulher, da vida. Como em *Seta Despedida*, a personagem, para atrair um olhar atento dos outros, em especial do seu pai e do seu marido, tinha o hábito de furtar objetos insignificantes, mas que depois se tornariam tão preciosos porque eram peças do quebra-cabeça que era a sua vida.

A personagem vive sem um motivo que lhe impulse, que lhe dê razões para viver. Ela passa por uma “solidão acompanhada”, como pondera Klein (1983), “Refiro-me ao sentimento íntimo de solidão — [...] de se sentir solitário mesmo quando entre amigos ou recebendo amor.” (p. 133) Essa circunstância, além de lhe fazer se sentir esquecida, lhe deixa desnorteada, isso traduz a necessidade de encontrar um novo rumo.

A mulher precisava de um sentido para a vida. Provavelmente, o fato de ela se acostumar a ser solitária fosse proveniente de um medo. “Há medos que nos sondam pelas ruelas envelhecidas dos dizeres malditos, frutos de precipitações, e é por isso que precisamos de um norte. Urge que tenhamos um norte!” (MELO; CHALITA, 2009, p. 90). Ela precisava de uma direção. Tinha vontade de mudar, mas é como se receasse tal mudança porque já era adaptada a ser só, já conhecia a casa onde mora a solidão.

A solidão é, portanto, uma característica dos seres humanos que se manifesta em diferentes fases da vida, e em cada pessoa de uma maneira particular. As personagens vivem a solidão, cada uma com o seu histórico de vivência, ocasionada por fatores diferentes, mas experimentam do mesmo sentimento: a solidão. Em um primeiro olhar, esse sentimento é visto somente como algo negativo, entretanto pode ser positivo, pois nos momentos de adversidade pelo qual passa o homem, é possível retirar forças do nosso íntimo mesmo quando as precipitações falam mais alto. É preciso saber encarar, “lidar com essa realidade, aceitá-la e aprender a direcionar a sua vida com satisfação fazem parte da condição humana”, como pontuam Tomei e Fortunato (2008).

Os contos suscitam reflexões nos leitores pelo fato de abordarem fatos comuns ao nosso cotidiano. Em vez de trabalhar com a beleza dos “contos de fadas”, as autoras Teolinda Gersão e Maria Judite de Carvalho denunciam o fracasso dos vínculos afetivos, colocam em palavras o sofrimento da mulher, vítima das angústias provocadas pelo homem, e que são corriqueiras nos relacionamentos familiares e amorosos. Despertam novos horizontes de pensamentos sobre essas realidades e criticam, através da ficção, a hipocrisia das relações humanas.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, M. J. de. **Seta Despedida**. 2ª ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1995.

COSTA, J. L.. **Solidão e Homoafetividade em *Mozaicos Azuis Desejos*, de Antonio de Pádua**. 2014. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.

ESTEVES, J. M. da C. *Seta Despedida* de Maria Judite de Carvalho: uma forma abreviada sobre a dificuldade de viver. **Cahier du Crepal. Le conte em langue portugaise**, n. 6, p. 1-8, 1999.

FREITAS, J. P. de. A escrita feminina na voz de Maria Judite de Carvalho. **REVEEL – Revista de Estudos Literários da UEMS**, v. 2, n. 7, p. 53-61, dez. 2013.

FREITAS, O. R. **A melancolia nas crônicas de Maria Judite de Carvalho**. 2011. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

GERSÃO, T. **A mulher que prendeu a chuva e outras histórias**. Lisboa: Sudoeste Aventura, 2007.

GOMES, A. C. **A Voz Itinerante : Ensaio sobre o Romance Português Contemporâneo**. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

KLEIN, M. T. **O Sentimento de Solidão: Nosso Mundo Adulto e Outros Ensaio**. 1ª ed. Trad. Paulo Dias Corrêa. Londres, Inglaterra : Imago Editora Ltda, 1983.

LIMA, Albanise de Oliveira. O papel da família no ajustamento social e psicológico da criança. **Revista Symposium**. Recife, v. 3, n. Especial, p. 48-50, dez. 1999.

MACEDOUTO, G. S.; JUNIOR, A. F. da S. Solidão: do patológico ao ontológico. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 07-24, 2017.

MELO, F. de; CHALITA, G. **Cartas entre amigos: Sobre medos contemporâneos**. São Paulo Ediouro, 2009.

MOREIRA, V.; CALLOU, V. Fenomenologia da solidão na depressão. **Mental**. Barbacena, v. IV, n. 7, p. 67-83, nov. 2006.

MORGADO, B. F. A solidão da mulher bem casada. In: MORGADO, B. F. **O espectro do bom marido ou “O que é que te falta, mulher?”**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. p. 59-61.

OLIVEIRA, R. Q. de. “George”: **a errância em busca da liberdade. Itinerários**. Araraquara, n. 42, p. 195-203, jan./jun. 2016.

NETO, F.; BARROS, J. A solidão em diferentes níveis etários. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v. 3, p. 71-88, 2001.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Dicionário global da Língua Portuguesa**. São Paulo: DCL, 2004.

SILVA, R. G.; FEITOSA, M. M. M. **Para além dos trilhos: uma leitura no conto “O Leitor”**, de Teolinda Gersão. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)**, São Luís, v. 4, n. Especial, p. 437-453, jul./dez. 2018.

SOUTO, R. de A. **O OLHO, A MÃO E O CALEIDOSCÓPIO: ESPAÇO(S) E VIOLÊNCIA EM CONTOS DE TEOLINDA GERSÃO**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

TATIT, I.; ROSA, M. D. Para dizer que Freud e Lacan não falaram da solidão. **Revista Psicologia e Saúde**. Campo Grande, v. 5, n. 2, p. 136-143, jul./dez. 2013.

TOMEI, P. A.; FORTUNATO, G. A solidão no poder das organizações. (O&S. v. 15, n. 47, p. 13-31, out./dez. 2008.

VALADAS, A. M. de S. **A experiência da solidão na adolescência e o autoconceito**. 2014. 93 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

VIORST, J. **Perdas Necessárias**. 4ª ed. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. São Paulo : Editora Melhoramentos, 2005.

ANEXOS

ANEXO A – SE POR ACASO OUVIRES ESTA MENSAGEM (TEOLINDA GERSÃO)

Se por acaso ouvires esta mensagem, não finjas que não a ouviste, nem te distraias a olhar as nuvens, ou a falar de outro assunto com quem estiver ao teu lado. Se a ouvires, assume que a ouviste. Porque não se pode ao mesmo tempo ouvir e não ouvir.

Há palavras que, uma vez ouvidas, nos mudam para sempre. Devias saber isso, afinal eras tu mesmo que o dizias? É isso que eu pretendo, falando: mudar-te. Se me ouvires, não poderás continuar como és, alguma coisa em ti se transforma e te coloca em movimento. Mesmo que apenas dêes, na minha direção, o menor dos teus passos. Foi isso o que sempre disseste. Mas provavelmente esqueceste tudo o que dizias, desde que te foste embora. Passaste por aqui mas partiste, e cortaste atrás de ti todas as amarras. E agora não há nada que me ligue a ti, nenhuma corda, ou cabo, ou fio telefónico. Estamos aliás na era dos telefones sem fios, das ondas de som que andam pelo ar, chegam aos satélites, ao espaço, à espera de serem ouvidas.

No entanto, não sei se me ouves. Se podes, ou queres, ouvir-me, ou se é de todo impossível a minha voz alcançar-te. Talvez a dificuldade não esteja na transmissão da minha voz, não há dificuldades de transmissão nesta era de maravilhas tecnológicas. Talvez a dificuldade, ou a falha, esteja só em ti. Não consigo imaginar o teu rosto. É possível que não tenhas orelhas, nem olhos, nem ouvidos, e o teu rosto seja muito diferente do que imagino. Talvez seja o rosto de um monstro.

Quando penso em ti, é como se tudo fosse fácil, como numa comunicação telepática. Quase sinto o teu olhar sobre mim, quando levanto os olhos. E então nem preciso de palavras, tudo é absoluto e imediato, numa fracção de segundos transmiti-te tudo o que queria dizer-te, e tu captaste.

Mas sei que é puramente imaginação. Nenhuma nave espacial pousa diante de mim e abre uma porta de luz, de onde tu saís. Se abrir a janela, tudo o que vejo para além dela é a noite.

Na cidade não se vêem as estrelas, o céu é opaco de nevoeiro e fumos. As noites são longas, do outro lado da janela. Longas e vazias. É por isso que por vezes, em noites como esta, em que não consigo dormir e caminho como sonâmbula entre a janela e a porta, penso em ti e te imagino, como se pudesses estar ligado a mim por um fio qualquer. Tudo seria muito fácil, penso, se existisse esse fio. Haveria umnexo, uma finalidade em tudo, haveria um objetivo, que, pelo menos para ti, seria perceptível, mesmo que eu não o compreendesse. Eu estaria, como vês, pronta a aceitar a minha inferioridade, em relação a ti, a admitir que a minha não alcança o mesmo que a tua, que os teus olhos vêem muito mais longe que os meus. Se houvesse um fio a ligar-nos. Se tu mesmo tivesses atado esse fio.

Eu poderia então aceitar praticamente tudo, mesmo o mal, a loucura, o horror, o absurdo, porque tu estarias comigo e serias, no fim das contas, responsável. Pelo menos tanto quanto eu. Ou, provavelmente, mais do que eu. Sim, a responsabilidade, no fim das contas, seria sobretudo tua. Mas, como eu te aceitaria superior a mim, acreditaria que terias sempre razão, o que quer que fizesses. Mesmo quando me parecesse que agias contra mim e me

punhas dificuldades no caminho, como se te desse prazer fazer-me torcer os pés e cair. Até isso, ou qualquer outra coisa, eu aceitaria. Se estivesses comigo.

Até esta pequena mancha na pele eu aceitaria. Este mal, que primeiro começou por ser uma pequena mancha na pele e a que a princípio nem dei importância, pensando que era do excesso de sol, por ter andado na praia e me ter deitado tempo de mais ao sol, ao lado de um homem que eu amava.

Até perceber que aquela pequena mancha, que depois alastrava, vinha do homem que eu amava, porque eu me tinha deitado com aquele homem, que eu amava.

Fiquei em um estado de choque por muito tempo, como se não conseguisse acordar. Até que acordei e corri ao médico. Para ouvir o que eu suspeitava, o que ele também suspeitava, e ficou de repente muito claro, preto no branco, nas análises.

Está tudo no sangue, e ele não mente, uma gota de sangue é o bastante para que te digam tudo.

Disseram-me, e eu ouvi. Mas não posso guardar só para mim essas palavras, tenho de dividi-las com alguém, desde logo contigo.

Claro que havia também o homem que eu amava, é claro que falamos disso, da culpa dele, porque não me disse, e deveria ter dito, da distância que, a partir daí, se cavou entre nós, pela traição das palavras não ditas.

Mas antes dele, estavas tu, que também me deverias ter protegido e falhaste. Se alguém me traiu, foste primeiro tu. Também eu me deveria ter protegido mais, sei que vais dizer isso, ou sei que dirias, se falasses comigo. Mas proteger-me como? Não podes fingir sempre que és alheio a tudo: se um homem que eu amava me traiu, foi porque, primeiro, tu me abandonaste.

Deixaste-me cair na noite, no meio do nevoeiro e do fumo. Devias estar na minha vida, junto de mim, e não estavas. E o que acontece comigo não te importa. Culpa minha? Não, culpa tua. Culpa tua. Sei que estou a gritar, e que mesmo assim não me ouves, porque não estás aqui. Se estivesses eu sacudia-te os ombros, sufocaria a voz no teu peito, esconderia o rosto nos teus braços. Faz qualquer coisa, gritaria até perder a voz. Faz qualquer coisa por mim.

O meu rosto estaria roxo de cólera e eu continuaria a gritar até ter a certeza de que me ouvias. Porque eu não mereço, tu sabes melhor do que ninguém que não mereço. Justamente agora. Quando tudo se ajeitava melhor na minha vida, que parecia finalmente resolver-se. Tinha um homem que amava, e um trabalho que me sustentava. O mínimo, dirás tu. Mas quase ninguém tem esse mínimo, é assim o mundo. Vive-se em falta, e em falha. O comum dos mortais vive em falta, e em falha. Toda a gente sabe disso, aparentemente, menos tu. E agora? Agora, como sempre, não te importas, e não moves nem o menor dos teus dedos. Aparentemente, não podes fazer nada por mim. Nunca pudeste. Deixaste-me cair no meio da noite.

Nem sequer me ouves, por muito que eu grite. Nunca vais ouvir esta mensagem. Mas se acaso ouvires, Deus, se por acaso ouvires esta mensagem, não afastes de mim o teu rosto: não cortes este fio de palavras que vou estendendo entre mim e ti, porque não me resta mais nada senão este fio imaginário – provavelmente tu não existes e falo sozinha, no nevoeiro e na

noite, mas se por acaso existires e ouvires esta mensagem, não cortes o fio, Deus, não cortes este fio de palavras, e fica a escutar-me. Até o fim.

ANEXO B – SETA DESPEDIDA (MARIA JUDITE DE CARVALHO)

Às vezes faz um esforço e vê a casa como se ela fosse nova, com os traços nítidos e com as cores vivas da primeira vez das coisas, móveis pesados, volumosos, quase agressivos, e paredes bem lisas. Então lembra-se da criança, das crianças que lá moraram, meninas de várias idades mas muito parecidas, do pai, da mãe, da avó, da criada e do gato. O pai era um homem claro, lento e ausente, mesmo quando falava fazia-o como quem não liga grande importância a nada nem a ninguém, vê-o sempre a abrir o jornal ou a dobrá-lo depois de o ter lido. Quando mostrava um sorriso, o que era raro, todos se sentiam – deviam sentir-se – muito gratificados, era uma espécie de atenção concedida. A mãe, nos últimos tempos, estava quase sempre com os olhos inchados ou então a descansar, não faça barulho que a mamã está a descansar, dizia a criada que foram sucessivas criadas, sem rosto e sem nome, mas todas baixas, fortes, morenas, beiroas. A avó sempre tinha sido velha, era como se o tempo não pudesse feri-la mais. O gato, esse foi enorme e imponente, depois mirrou, foi mirrando como é natural acontecer aos seres que vivem ao lado de quem cresce, embora nunca tivesse atingido, por falta de oportunidade (foi levado, uma noite de boémia, pelo carro camarário), o modesto lugar que lhe competia entre as criaturas da sua infância. Quanto à menina, às meninas, são quase sempre indecisas e vaporosas, flutuam, têm algo de ectoplásmico, fecha os olhos agora, e andam vacilantes por aqui e por além, visibilidade e se alteram, se dissipam. Meninas errantes e transitórias, aloiradas ou descoloridas, como retratos antigos. E, rente às suas pernas sem contorno definido, desliza a mancha amarela do gato que se chamava *Aristides* e miava como quem canta, mesmo quando uma das mais pequenas o pisava por engano, ao movimentar-se, ainda hesitante, por entre cadeiras e pernas de mesa.

Às vezes vinham outras crianças que moravam perto e essas eram barulhentas e acabavam por ir todas para o quintal das traseiras ou para o quarto dos brinquedos, porque a mãe estava a descansar. E havia em toda a casa o grande silêncio dos segredos e dos risos abafados. Uma das crianças chamava-se Ísis e o pai, quando a via, dizia sempre <<Olá, deusa”>>.

Todas as pessoas foram morrendo, mais tarde ou mais cedo, de mortes diferentes que podem ter sido a chamada morte ou a chamada vida, e acabaram por desaparecer dentro de uma cova e coberta de flores, ou talvez à superfície, na outra ponta da cidade ou do outro lado do mar. Foram-se tornando vagos habitantes de uma mente desmemoriada, como eram, que vozes tinham? Quanto à menina, às meninas, também se foram apagando, apagaram-se quase por completo, nunca totalmente, claro, delas só ficou quem nesse instante teve uma espécie de vislumbre, antes de o nevoeiro descer de novo sobre a superfície dos dias.

<<Fui aquela, esta, esta ainda>>, gosta de pensar. Entre uma e outra nunca houve uma transição lenta, suave e imperceptível como são as transições, mas uma espécie de dilúvio universal e, todos desapareceram debaixo das águas revoltas e das terras e das coisas que elas arrastavam consigo. Só ficou a casa-arca, boiando mal ou bem, mais ou menos à deriva, e dentro dela a mulher, à espera sabe lá de quê, à espera e coisa nenhuma. Como seria? De vez em quando há uma resposta à pergunta que se faz. Nesses momentos surge entre nada e nada, bem nítida, quase viva, mas são breves instantes e tudo foge.

Esquece-se em frente dos espelhos, principalmente do grande, do *hall*. Vai avançando devagar, estaca como se não pudesse dar mais um passo ou como se dá-lo fosse perigoso,

portanto desaconselhável. O espelho é, de súbito, um lago imóvel e a sua imagem reflecte-se com nitidez na água de vidro. A luz é fraca e isso ajuda a profundidade dos pegos. E ela boia à superfície, desfaz-se, refaz-se.

Amanhã vou pintar o cabelo, decide. Porque no amanhã de certos dias pinta sempre ou compra um *batôn* diferente, mais claro, mais escuro, incolor, pinta os olhos ou ignora-os usa ou não usa óculos escuros. Há ocasiões em que a encontram, hesitam, será ela?, devem pensar. <<Meu Deus, estás diferente, que te aconteceu, mulher?>> Apetece-lhe responder que estava na idade dos peixes e houve um cataclismo e se encontra agora na dos lagartos, mas ninguém iria compreender as suas palavras. Nem ela própria. Porque além da cor do cabelo, ou do lápis com que pintou os olhos, tudo está absolutamente igual.

Lembra-se muito bem de que era segunda-feira e era Novembro, mas isso talvez fosse por causa das castanhas.

<<Quem?>>, disse a última badalada ou a última palavra, longa e forte, a recusar desfazer-se. Depois foi um grande silêncio cheio de ruídos característicos de todos os silêncios, uma buzina ao longe, uma tossezinha abafada, um segredo. Quem?

Tudo aquilo durou, deve ter durado uma eternidade. Quando a própria lembrança da pergunta se esvaiu, as tosses e também o bichanar e o mover dos corpos levezinhos, nos bancos, foram sendo mais fortes. Só o cão se calara. Fora com certeza dar um giro.

<<Ninguém quer falar?>>, perguntou então a professora, que era magra e usava óculos redondos, muito espessos. <<Se ninguém confessa tenho de passar revista às vossas pastas e aos vossos bolsos, Tu!>>, exclamou de ponteiro em riste, <<vem cá. E antes de mais explica como é a caneta. De que cor?>>

A miúda sardenta subiu ao estrado e disse outra vez, na sua voz aflautada, que era uma caneta muito bonita que o pai lhe tinha dado no dia dos anos. Preta, era preta e com um nome em letras douradas. Que a tinha na pasta e que depois já lá não estava e que...

<<Muito bem, espera aí. Meninos! Tragam cá as vossas coisas. Um por um. Vamos começar por ti.>>

Estojos abertos sobre a grande e velha secretária cheia de pingos de tinta ressequida, pastas despejadas, bolsos voltados do avesso. Tesouros de cromos, de moedas, de caricas, dois espelinhos, três pentes, canivetes. Um, dez, vinte alunos regressaram aos seus lugares com o ar virtuoso e vitorioso da inocência publicamente reconhecida. Ao vigésimo primeiro a miúda sardenta gritou: <<É esta! É a minha caneta, é a minha linda caneta!>> E a professora olhou longamente a culpada, disse-lhe que não saísse depois da aula, tinham que ter uma conversa as duas. E entregou o corpo do delito à sua legítima e triunfante proprietária.

Como o seu lugar era o último da fila, a ré desceu a coxia central quase sem forças nas pernas. Todos a olhavam e riam dela e diziam coisas que mal percebeu porque estava envolta na pesada capa da sua ignomínia. Nítida só a palavra ladra que ninguém pronunciara mas que nem por isso era menos forte. A professora disse então: <<Silêncio, vamos terminar a aula, ainda faltam dez minutos.>>

Talvez nunca tivesse sofrido tão intensamente, pensou mais tarde, em tempo de sofrimento adulto e compreensões possíveis. Porque tudo é relativo – e ela, naquele dia, tinha ombros estreitinhos, falta de palavras para se defender, e a firme convicção de que ficaria para todo o sempre com uma marca na testa. E conseguiu pensar o menos possível naqueles

minutos, nos que se lhe seguiram. De resto, sempre o fez tão à superfície, tão de passagem tão de fugida para outros pensamentos, que acabou por não saber ao certo se teria mesmo roubado a caneta ou se alguém a teria metido no seu bolso para a incriminar. Porque num engano – razão que deu à professora e a que se agarrou com unhas e dentes – nunca acreditou muito.

A senhora condenou-a então a pena suspensa. Que por aquela vez... Mas se repetisse...

Quando saiu da aula, a fazer-se pequenina, receava o pior. Risos, insultos, pancada, quem sabe. E ladra, dizia a voz. E ladra. Atravessou os risos e os segredos e deitou a correr pela rua fora, de aflita não pensava, logo não temia, já não. A certa altura veio-lhe um cheiro de castanhas assadas, e avistou, ao fundo da rua, o fumo branco, grosso e aromático que saía da assadeira. Procurou a moeda, sentou-se num degrau a comer, melhor a devorar. Os problemas graves sempre lhe abriram o apetite.

No dia seguinte estava a febre e não foi à escola. Depois falou-se em pneumonia. Depois, já não sabe porquê, mudaram-na de colégio. Mas agora, pensando melhor, lembrar-se de que, na véspera do dia da caneta e das castanhas, o pai tinha saído de casa com duas malas depois de uma discussão violenta com a mãe, e nunca mais tinha voltado. Mas telefonava todos os dias a saber se ela estava melhor. Quando ficou boa passou a ir almoçar todos os domingos. Primeiro só com ele, depois, com a sua nova mulher.

De vez em quando mexe em velhos papéis, em velhos álbuns. Há dias encontrou uma fotografia sua meio apagada. Tinha os olhos muito abertos, queixo no ar, braços fininhos escorridos ao longo do corpo, e estava muito séria. Macambúzia talvez fosse mais certo. O vestido era azul, vestiam-na quase sempre de azul, era decerto a cor que a mãe preferia. Ouviu a voz do pai, de máquina em riste: <<Vou disparar.>> A voz estava perdida no tempo, mas ela ainda ouvia às vezes, quando não esperava, quando não estava a pensar nisso. <<Vou disparar!>> Disparar como se a fuzilassem. Ela, encostadinha a uma árvore de um jardim qualquer, e, na sua frente, o pelotão de execução, melhor, o fuzilador. A palavra existiria, fuzilador? E havia no seu peito um pequeno receio duro e doloroso de fim, depois uma ressurreição sem glória, porque nem a morte nem a vida eram importantes. <<Pronto. Fica como ficar>>, disse o pai, aborrecido, e sentou-se no banco, perto da árvore. A mãe apertou o casaco contra o peito e disse: <<Começa a estar frio.>> Mas, de súbito, duvida, pensa: Seria a mãe ou a outra? Qual delas teve frio na tarde da fotografia?

E o tempo foi passando. Seta despedida não volta ao arco.

Às vezes há reuniões de amigos. Sempre em casa porque o marido nunca gostou de sair à noite, sempre no primeiro sábado dos meses. As pessoas falam ou cacarejam, algumas, um dos homens, pelo menos, faz pequenos discursos sobre aplicações capitais, coisas assim. Há também risos soltos ou apertados, e uma ou outra frase que dura um pouco mais que as outras. As mulheres, entre elas Ivette (ou Arlette, nunca sabe ao certo) trazem quase sempre vestidos pretos, e usam jóias de fantasia.

Ela é nessas alturas uma pessoazinha incolor, apagada, às vezes ausente, porque em certas ocasiões acontece-lhe despir o corpo, deixa-lo na cadeira, ou, melhor ainda, no *maple* que está habituado a coisas dessas, parte, vai para bem longe. A mãe, que às vezes aparece <<para lhe dar apoio moral>>, procura-a pela sala movendo lentamente a cabeça, e tem uma ruga vertical entre as sobrancelhas. Ela anda por ali. Porque uma palavra a arrastou para outra palavra, uma imagem para outra imagem, mais vivas e reais do que as presentes.

Outras vezes vai desenhando com traço fino as pessoas na tela do fumo, embora as suas mãos continuem presas, a esquerda ao joelho direito, a direita o cigarro. Porque fuma com a mão direita como todos os desocupados. Sente-se então longe longe, como se os outros falassem uma língua estranha, ou como se o mal fosse dela, bicho esquisito entre bichos de uma mesma raça.

Nessa noite foi por entre risos e conversas decerto cheias de interesse para a maioria, que a ideia, melhor, o esboço da ideia, ou talvez o seu vislumbre, chegou. Disse-a alguém, mas ao mesmo tempo caiu de uma gaveta miniatural dentro da sua cabeça, ou de uma estante onde estava arrumada e esquecida. Caiu, foi caindo e ficou por assim dizer aos seus pés. Apanhou-a, embora continuasse quieta e encolhida, e procurou ler o que lá estava escrito preto no branco. Entretanto sorria atenta e interessadamente aos olhos um pouco estrábicos de alguém que falava consigo, melhor, que dizia um monólogo em sua intenção, ao mesmo tempo que metia um cigarro entre os lábios e o acendia. Tratava-se de Ivette ou Arlette a dizer que só fora para fugir à rotina, na verdade nem lhe apetecia, conhecia Londres como os seus dedos. Pôs o isqueiro em cima de qualquer coisa e continuou a falar agora de um avião que não pudera aterrar porque os controladores estavam em greve, em maçada. Era início de uma longa crónica de viagem, dava para pensar em muitas coisas, sobretudo na rotina, que não era bem aquela a que Ivette ou Arlette se referira, mas outra bem diferente. Porque o olho lhe caíra aos pés dizia que a rotina, pois claro, mas a rotina do marido. E que ela vivia, desde o dia em que se tinham encontrado, na rotina dele, e antes disso na da mãe. Que, em suma, nem a rotina era sua, nunca fora. Houvera uns gritos a rasgar o silêncio mas quase todos estavam esquecidos. E isso, que talvez fosse sem importância, que faria decerto rir as pessoas se ela resolvesse dizer em voz alta: <<Olhem, descobri uma coisa sensacional. Querem ouvir? Nem rotina tenho, escolheram-na para mim (qual escolheram, nem isso), e eu tenho vivido nela sem dar por nada.>>

Ivette ou Arlette fez um gesto mais largo e o isqueiro caiu no carpete. Moveu então o pé lentamente, como quem muda de posição, empurrou-o para debaixo do *maple*. Olhou para a mãe e deu com os olhos dela muito atentos. Tinha aquela ruga vertical, muito acentuada, entre as sobrancelhas, e a expressão de quem não compreende ainda muito bem mas já compreendeu qualquer coisa. Sorriu para ela e levantou-se porque Ivette ou Arlette e o marido, e o outro casal, se tinham levantado por já ser tarde. A mãe saiu ao mesmo tempo porque alguém lhe dava uma boleia.

Nessa noite, quando o marido adormeceu, pesadamente como sempre, levantou-se e foi sentar-se na sala. Não levava para a cozinha copos nem cinzeiros, havia um cheiro grosso, desagradável, a tabaco frio, a álcool, e também ao perfume muito intenso de uma das mulheres. Sentou-se para pensar. Mas ainda não havia em si espaços para pensamentos, só para sensações. Como se tivesse recuado e recusado – por enquanto – a ideia de há pouco. Ou ainda como se se preparassem para receber melhor, em silêncio, de alma mais tranquila, ali, na sala de visitas, e a sós. Antes de se sentar, porém, tirou de debaixo do *maple* para onde o seu pé o empurrara o isqueiro de Ivette ou Arlette, e olhou-o com atenção. Era um isqueiro qualquer, vulgaríssimo, de metal prateado. Pô-lo em cima da mesa redonda, de vidro, e partiu. Tinha a sensação de que algo havia retirado a cor ao mundo, subitamente a preto e branco (um preto e branco discreto, nada de altos contrastes), mas sem que uma tão grande transformação

houvesse sido anunciada. Viu vagamente pessoas, as que ali tinham estado e outras, e elas apareciam-lhe soltas, nem uma raiz, nem uma aura que as prologasse até si, que a aflorasse sequer. Tão subitamente estranhas, as pessoas. Manequins falantes, passeando como manequins, e ela acabando por ser um deles, embora imperfeito. Ela e a perfeição... mas um manequim que se levantava às oito horas, que sujava e lavava panelas, que fazia uma cama, que ia às compras que ouvia a rádio como pano de fundo, que olhava para o relógio porque talvez estivesse a fazer-se tarde para qualquer coisa.

Embora quieta abriu e fechou gavetas silenciosas e sem segredos. Todas menos uma onde havia, dentro de uma caixa de madeira pintada, uma flor que alguém lhe dera há eternidades, dois lenços cuja existência tinha esquecido, uma pulseira de pechisbeque também já sem história, a lembrança de uma caneta preta com um nome em letras doiradas. Nessa gaveta há também, agora um isqueiro.

Pegou os livros e voltou a coloca-lo no seu lugar entre outros dois livros que tinham – deviam ter – uma qualquer afinidade. Porque horas antes ainda era importante, aconselhável, que os livros morassem em família, melhor, em grupos que se entendessem como irmãos ou camaradas. Agora, porém, nesse instante, já não, para quê? O que era aquele volume e o outro e o outro senão papel que uma máquina qualquer sujou de tinta e outra cortou? Mas nem isso pensava, claro. Sentia-o, era tudo. De súbito era como se já não houvesse relações entre aquele cenário e as criaturas de Deus e as coisas de Deus e do diabo. A caneca mandarin caiu-lhe das mãos – terá caído? – e fez-se em cacos. Mas nem uma gota de sangue se perdeu. Porque a caneca era, de súbito, uma caneca de loiça que se quebrou, acontece, tudo está condenado. Sentia-se num lugar estranho, quieta e um pouco atordoada, e sem bússola.

Foi ao frigorífico buscar um ovo cozido. Estava, de súbito, esfomeada. E acabou por não pensar mais naquilo porque tinha sono, foi deitar-se e adormeceu como uma pedra.

— Não te apetecia às vezes mudar? - perguntou ao marido com o ar natural e a voz de todos os dias.

— Mudar o quê? – espantou-se ele sem exagero.

— Sei lá. Mudar. De casa, por exemplo. Nasci aqui, estou farta. Mudar de cara. Às vezes olho para o espelho e sinto um cansaço... Tu não? Mudar de língua. De rua. De país. Mudar de vida. Arranjar papéis falsos, sei lá!

Ele poisou a colher, limpou a boca devagar, olhou-a, e na sua testa havia várias interrogações.

— Que diabo te deu? Sentes-te bem?

— Não sei.

— Não sabes o quê?

— Se me sinto bem.

— Dizes às vezes umas coisas...

— Não te acontece olhar para ti, para mim, para as paredes, para as pessoas, na rua? Não sentes que houve um engano? Não sentes, pelo menos, que *pode* ter havido um engano?

— Que engano?

— Sentes-te bem na tua pele? Sentes-te *sempre* bem na tua pele?

— Se queres saber, nunca me incomodou.

— Que bom!

Ficou calada, longamente calada, enquanto ele, decerto já a pensar noutra coisa, comia. A certa altura disse:

— Tive hoje um problema com o carro.

Ela, porém, recusou-se ouvi-lo. Acontecia.

— Estou certa de que houve um engano – continuou. — Absolutamente certa. Porque hei de eu ser assim, estar aqui, contigo...

— Gostaste de mim, suponho – respondeu com frieza.

— Claro, claro. Mas aí está, porquê? E tu de mim? E por que havíamos de nos ter encontrado? Também gostaste de mim, não é verdade?

Um sorriso largo, tranquilizado. O sorriso de quem, ora está aí, percebeu tudo. As mulheres...

— Mas que diabo se te meteu na cabeça? Claro que gosto de ti, claro que és a única pessoa de quem verdadeiramente gosto.

Deu consigo a sorrir daquele <<verdadeiramente>> com tanta inocência lançado. E a pensar que é necessário prosseguir. Ele não compreendia e ela não sabia explicar-se melhor. Ou não podia. Ou não o desejava.

— Ótimo – disse. — Vou buscar o frango. Com ervilhas.

— Adoro frango com ervilhas.

— E eu fiz frango com ervilhas. São as pequenas coisas que dão gosto à vida, não é verdade?

— Claro que sim.

Já quase no fim da refeição, disse ele:

— É verdade, o Ricardo telefonou esta tarde.

— Quem é o Ricardo?

— O marido de Ivette.

— Ivette ou Arlette?

— Ivette.

— Ah.

— Parece que ela perdeu um isqueiro. Pensou que podia tê-lo deixado cá em casa. Disse-lhe que te perguntava.

— Um isqueiro?

— Um isqueiro de prata.

Ela sorriu vagamente.

— Não encontrei nenhum isqueiro – disse.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, pela Sua misericórdia, pelas oportunidades que me deu e por ter estado sempre ao meu lado. Sem Ele, nada disso estaria acontecendo. Em Ti me fortaleço e alimento a minha esperança.

À minha família, por ter me apoiado. Ao meu pai, João Batista da Silva Souza e à minha mãe, Rosana Paulo da Silva Souza, por terem me apoiado e incentivado a não desistir, pela compreensão e por terem caminhado ao meu lado, e à minha irmã, Maria Helena da Silva Souza, que com toda a sua inocência, diversas vezes me deu motivos para acreditar e não desistir das minhas escolhas.

Ao meu namorado, Rodolfo Batista Lima, por ser um grande companheiro, por me apoiar, por me compreender *sempre*, por ter estado ao meu lado em todos os momentos, (principalmente aqueles em que mais precisei) por ter me impulsionado, por acreditar em mim e por fazer com que eu acredite em mim, pelo afeto e por sonhar comigo.

Às minhas avós, Maria Geny da Silva e Maria das Neves da Silva Souza, como costume dizer: são as rosas da minha vida. Sou grata por terem *sempre* acreditado em mim, por me incentivarem a ir além e por terem me dado forças através de suas palavras. Vocês são muito importantes para mim.

Aos meu tio, Antonio Paulo da Silva e aos meus padrinhos, Rosélia Geni da Silva e Antônio Farias Guimarães. Obrigada pelo auxílio e pelas palavras de força, isso foi muito importante durante a minha caminhada, e por sempre me lembrarem que Deus está à frente de tudo.

À professora Francisca Zuleide Duarte de Souza, por ter aceitado me orientar e por tudo aquilo que me ensinou. Agradeço imensamente.

Às amigas Cássia Correia, pela parceria que fizemos e por ter me ajudado nos momentos de dificuldade durante o curso, e Polliana Maracajá, pelo auxílio durante as leituras e interpretações dos textos, por ter sido presente no momento de produção do trabalho. Obrigada pela amizade e pelo companheirismo de vocês.

Obrigada!